



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS**

**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**WALDIR RUGERO PERES**

**PAISAGENS FLUMINENSES,  
A CONTRIBUIÇÃO DE ALBERTO LAMEGO**

Rio de Janeiro, Agosto de 2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



PAISAGENS FLUMINENSES,  
A CONTRIBUIÇÃO DE ALBERTO LAMEGO

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Inês Aguiar de Freitas UERJ (Orientadora)

---

Prof. Dr. Jorge Soares Marques

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monica Sampaio Machado

---

Prof. Dr. Carlos José Saldanha Machado

Rio de Janeiro - 2008



## Sumário

Resumo.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
I. BIOGRAFIA RESUMIDA DE ALBERTO LAMEGO.....	15
II. O MÉTODO DE TRABALHO DE ALBERTO LAMEGO.....	18
2.1- A influência de Élisée Reclus.....	18
2.2 - Perspectiva historicista .....	19
2.3 - Imposição dos elementos telúricos - <i>A Terra</i> .....	20
2.4 - O Homem – o “indivíduo – tipo” .....	21
2.5 - Cultura – ( <i>do latim cultura, cultivar o solo, cuidar</i> ) .....	22
2.6 - A História Ambiental em três passos.....	27
2.7 - Lamego e a “descoberta” do Homem Cordial .....	30
III. TEMAS E ANÁLISES DESENVOLVIDOS POR ALBERTO LAMEGO.....	32
3.1 - A Íbero – América como luz do Novo Mundo .....	33
3.2 – Algumas contradições nas argumentações de Lamego.....	38
IV. AS PAISAGENS FLUMINENSES EM ALBERTO LAMEGO – QUADRO SÍNTESE.....	40
4.1 - Paisagens complexas, múltiplos significados.....	45
V – AS PAISAGENS DE ALBERTO LAMEGO AINDA EXISTEM?.....	50
4.1 - Elementos estruturais .....	51
4.2 - Em busca de singularidades.....	55
4.3 - Aspectos históricos recentes .....	58
4.4 - Percepções diferentes de uma mesma paisagem .....	59
2.5 - Tensões internas .....	63
2.6 - Influências externas – a globalização.....	65
VI – A IMPORTÂNCIA DE LAMEGO PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL FLUMINENSE .....	67
5.1 – O lugar da natureza na história.....	67
5.2 - Impactos na Guanabara – a drenagem dos brejos .....	70
5.3 - Impactos na Serra – erosão dos solos e declínio da civilização do café .....	76
5.4 - Temas de trabalhos futuros para a história ambiental do Estado do Rio de Janeiro.....	80
CONCLUSÕES.....	84
Referências bibliográficas .....	87

## Índice de Figuras

Figura 1 - Paisagem como produto da complexidade de múltiplos eventos e processos, adaptado do modelo original de Parker e Pickett.....	26
Figura 2 - Modelo analítico utilizado por Alberto Lamego na série os setores da evolução fluminense 1946 a 1950.....	30
Figura 3 - Esquema conceitual da visão das paisagens descritas por Alberto Lamego na série os setores da evolução fluminense 1946 a 1950.....	53
Figura 4 – Ciclo de inter-relações proposto por David Drew.....	64

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise das descrições das paisagens fluminenses realizadas por Alberto Ribeiro Lamego, ao longo dos anos 40 do século XX, a partir de novos referenciais teóricos, destacando-se o princípio da complexidade proposto por Edgar Morin. O trabalho avalia a contribuição das quatro obras que compõem *Os Setores da Evolução Fluminense* (O Homem e o Brejo, O Homem e a Restinga, O Homem e a Serra e o Homem e a Guanabara).

**Palavras-chave:** Complexidade, História Ambiental, Rio de Janeiro, Paisagem.

## Abstract

This work aims to undertake a review of descriptions of Rio de Janeiro landscapes performed by Alberto Ribeiro Lamego, over the 40 years of the twentieth century, from new theoretical benchmarks, highlighting to the principle of complexity proposed by Edgar Morin. The study evaluates the contribution of the four books that comprise *Os Setores da Evolução Fluminense* (O Homem e o Brejo, O Homem e a Restinga, O Homem e a Serra e o Homem e a Guanabara).

**Keywords:** Complexity, Environmental History, Rio de Janeiro, Landscape.

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação inscreve-se na linha de pesquisa do Núcleo de Estudos em História Ambiental e Geografia (Nuage) do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Inês Aguiar de Freitas.

O interesse do Nuage pela obra de Alberto Ribeiro Lamego (1896 – 1985) fundamenta-se no acervo documental e referencial deixado por ele sobre as paisagens do Estado do Rio de Janeiro. A obra, dividida em quatro volumes, *O Homem e o Brejo* – tese aprovada com louvor no Congresso Nacional de Geografia de 1940, *O Homem e a Restinga* – medalha de ouro do Congresso Nacional de Geografia de 1946, *O Homem e a Guanabara* – livro publicado em 1948 e o *Homem e a Serra* – tomo que vem a público em 1950, reconstrói a trajetória dos chamados “setores da evolução fluminense” desde os primeiros tempos da colonização até meados do século XX. O resgate e o conseqüente estudo analítico destas obras fazem parte da estratégia de trabalho do Nuage que procura investigar as relações da história ambiental com a geografia.

Ao longo de quase mil páginas, Alberto Lamego, diplomado em engenharia de minas e licenciado em ciências pela Universidade de Londres, traçará um panorama sobre o Estado do Rio de Janeiro, abarcando os aspectos geológicos, geomorfológicos, geográficos, históricos, econômicos e culturais, com referências e fontes documentais que datam dos primeiros tempos do descobrimento do Brasil pelos navegadores portugueses até as estatísticas do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - da década de 1940.

Mapas, fotografias, esquemas e perfis geológicos são apresentados em quantidade e profundidade com o objetivo de construir os cenários onde que permitirão a formação da civilização fluminense. Estudos sobre a petrografia,

estratigrafia, tectônica e morfologia possibilitam a Lamego a realização de estudos intitulados de síntese geomorfológica da região. O autor finaliza seus capítulos sobre A Terra fazendo pequenas sínteses fisiográficas conciliando o homem com as possibilidades oferecidas pelo meio, buscando apresentar inter-relações de influência.

Impressiona em Lamego o conjunto de fontes, as indicações bibliográficas, os estudos genealógicos das famílias tradicionais, os decretos, leis e documentos que narram a criação e fundação de municípios, as descrições dos caminhos e das vilas nos detalhes, as transcrições dos relatos dos viajantes. A importância documental de Lamego para a construção da História Ambiental do Estado do Rio de Janeiro é decisiva e central.

O trabalho de fôlego desenvolvido por Lamego proporciona vastíssimo material de pesquisa e, para ser seletivo, uma vez que não se pretende abarcar a totalidade do texto de Lamego, propõe-se, nesta dissertação, analisar as paisagens fluminenses descritas e avaliar a contribuição dos *Setores da Evolução Fluminenses* a partir de novos referenciais teóricos, destacando-se o princípio da complexidade proposto por Edgar Morin (Morin, et al., 2002). Este esforço coaduna-se com os trabalhos recentes do Nuage que pretende aprofundar as análises das paisagens do Estado do Rio de Janeiro sob a perspectiva da História Ambiental do Estado do Rio de Janeiro.

A História Ambiental é um esforço revisionista com o objetivo de tornar a disciplina da História muito mais abrangente e inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido (Leff, 2002). A história ambiental parte da premissa de que a experiência humana no mundo se desenvolve num ambiente de restrições naturais onde conseqüências ecológicas dos feitos humanos sobre a natureza podem ser estudadas e, de alguma forma, influenciar o modo de vida presente.

*A história ambiental trabalha em três diferentes níveis: o entendimento da natureza propriamente dita; a análise do domínio socioeconômico; e a*

*apreensão de percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação que ligam um indivíduo ou um grupo à natureza, conduzindo também suas ações sobre o mundo físico (Freitas, 2006).*

Neste sentido, e a partir da matriz desenvolvida por Lamego nos seus livros, subdivididos em três partes, a saber: *A Terra, O Homem e A Cultura* parece haver uma possibilidade rica de análise da obra do autor a partir de duas perspectivas que se tocam: a da história ambiental e da geografia. É certo que,

*...ao longo de toda a história da Geografia, a análise da organização espacial tem se dado através de uma prática interdisciplinar. E, se hoje, as mais recentes propostas e pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento têm se orientado no mesmo sentido de uma interdisciplinaridade, esta, no entanto, não deve ser compreendida como um conjunto, muitas vezes desarticulado, de diferentes disciplinas, onde se tenta fundir métodos, objetos, técnicas e abordagens diversas. Tal interdisciplinaridade estaria, sim, fundamentada no princípio da complexidade (Freitas, 2006).*

O princípio da complexidade de Edgar Morin, constitui uma forma inovadora de abordar a realidade, a totalidade (Morin, 2003). De um modo geral, sua proposta é a complementaridade e a transacionalidade entre duas concepções: a linear (reducionista) e a sistêmica (holística). Morin abre espaço para o encontro de disciplinas e promoção de novos saberes. Nas palavras de Morin, o propósito do princípio da complexidade "não é dissolver o ser, a existência e a vida no sistema, mas compreender o ser, a existência e a vida com a ajuda também do sistema" (Morin, 2003).

O pensamento complexo baseia-se em outros dois princípios: o da emergência e o da imposição, aos quais, utilizando os próprios termos do autor, acrescenta-se um terceiro (o próprio *princípio da complexidade*). Morin defende a idéia de circularidade dos conceitos, interpenetração e cooperação de disciplinas como se fossem fios de uma teia que se cruzam formando um tecido de conhecimentos e saberes.

O *princípio da emergência* diz que o todo é superior à soma das partes. É o que mostra o fenômeno das propriedades emergentes. Um exemplo utilizado para

expressar este conceito é o das ligas metálicas, que têm propriedades que não existiam em cada um de seus componentes isolados.

O *princípio da imposição* diz que o todo é inferior à soma de suas partes. Isso significa que as qualidades ou propriedades das partes, quando consideradas separadamente, diluem-se no sistema. Tornam-se assim latentes, virtuais. É o que ocorre, por exemplo, numa peça sinfônica. Por maiores que sejam as potencialidades de cada instrumento em particular, os músicos precisam restringi-los ao que a totalidade exige.

Então, é possível ter, ao mesmo tempo, a possibilidade da soma das partes ser superior ou inferior ao todo. Essa digressão sobre a perspectiva do pensamento complexo de Morin é importante uma vez que o presente trabalho pretende inscrever-se nesta visão da complexidade, onde a Geografia e a História Ambiental dialogam sem uma delimitação rígida de limites entre as duas disciplinas.

Lamego escreve seus livros sobre o Rio de Janeiro a partir de uma perspectiva muito própria e especial. Um dos objetivos centrais de Lamego, ao longo das centenas de páginas, é expor, documentar e demonstrar a vitória do europeu sobre o meio hostil, descrevendo o florescimento de uma civilização rica e adaptada aos trópicos. Outra idéia importante que é recorrente na obra de Lamego é apontar o nascimento de uma cultura própria nas terras fluminenses, contrapondo-a àquela existente nos países do norte (Europa e América do Norte). Haveria aqui a possibilidade do ibero-americanismo florescer, inaugurando uma nova era para a humanidade, crivada de barreiras econômicas e étnicas. Para levar a cabo a sua tese, Lamego recortará quatro setores – Brejo, Restinga, Guanabara e Serra – arranjos singulares, paisagens e geografias distintas onde o Homem triunfa sobre todas elas, sobre a Natureza, numa luta incessante, transformando a terra bravia no alicerce da civilização ibero-americana.

As questões que motivaram o desenvolvimento desta dissertação podem agrupar-se da seguinte maneira: do legado de Lamego é possível recuperar linhas de análise, documentos e informações com o objetivo de escrever novas páginas da história ambiental fluminense? Existem em Lamego observações ou previsões sobre as conseqüências ambientais a partir dos processos socioeconômicos estabelecidos entre o homem e a natureza? E, por fim, quais são os valores, as visões e a ética ambiental de Lamego? Ao longo das páginas seguintes, e através do plano de trabalho traçado, serão apresentadas uma série de observações, apontamentos e considerações que possuem o propósito de abrir um processo de análise do conjunto das quatro obras citadas acima e que certamente não se esgotará aqui. Finalmente, é preciso dizer que todo o processo analítico não se realizará sem prescindir de toda a discussão e tradição que a Geografia possui sobre estes temas.

A complexidade não é uma novidade para a Geografia. E, para responder aos desafios lançados nas questões acima, espera-se encontrar inspiração nos legados de Carl Troll, que já em 1939, propôs o conceito de *Landschaftsökologie* (ecologia da paisagem), onde reagrupa os elementos da paisagem a partir de um ponto de vista ecológico, dividindo-os em ecótopos, unidades comparáveis aos ecossistemas (Turner, et al., 2001). A esta noção fundamental, será acrescida outra, complementar, centrada no conceito de *Landschaftskomplex* (complexidade da paisagem) de Hans Bobek e Josef Schmithüsen. Proposto em 1948, define as unidades da paisagem pelo conjunto dinâmico dos seus processos ecológicos (Holt-Jensen, et al., 1999).

Caso seja admitida a hipótese que as regiões de Lamego possam ser entendidas como paisagens complexas, onde fatores ecológicos atuam e respondem às intervenções humanas, passa-se a ter um fio condutor capaz de responder às questões lançadas acima.

A seguir, apresenta-se um breve resumo dos capítulos da dissertação, buscado traçar um esboço do encadeamento lógico deste trabalho e ao mesmo

tempo sinalizando a possível contribuição que este trabalho poderá proporcionar para o Nuage.

O capítulo I – Biografia resumida de Alberto Lamago, apresenta uma breve panorâmica da vida do autor, com o objetivo de traçar um perfil do intelectual e de sua obra referencial aqui analisada. Busca-se com este capítulo compreender sua trajetória e acompanhar seu caminho pelo espírito da época, observando o diálogo que o autor desenvolve com os saberes cristalizados nas primeiras décadas do século XX.

O capítulo II - O método de trabalho de Alberto Lamago, explora o quadro conceitual, as influências recebidas pelo autor, que partem de diferentes correntes e disciplinas, notadamente de Élisée Reclus, Paul Vidal de La Blache, William Morris Davis e Herbert Spencer, com o objetivo de descobrir o posicionamento das suas idéias, de seus argumentos.

No capítulo III – Temas e análises desenvolvidos por Alberto Lamago são apresentados extratos dos seus textos que carregam uma série de juízos, valores e idéias que formam um panorama surpreendente do posicionamento do autor frente ao paradigma, vigente na época, de que a cultura era privativa das civilizações do Norte.

No capítulo IV - As Paisagens Fluminenses em Alberto Lamago – quadro síntese, procura-se remontar o fio condutor da discussão que acabou por fundamentar os alicerces da escola francesa de geografia anunciada por Paul Vidal de La Blache e seus seguidores, incluindo-se aqui Élisée Reclus e Alberto Lamago, sem a pretensão de querer esgotar o assunto. O objetivo deste capítulo é buscar elementos que explicam “*o olhar de Lamago*”.

No capítulo V pergunta-se: as paisagens Fluminenses de Alberto Lamago ainda existem? Duas possibilidades de respostas serão exploradas: a primeira refere-se ao processo de reestruturação dos territórios, das paisagens, a partir da

perturbação provocada por um agente externo - tal como a globalização – ou por um agente interno – remetendo ao princípio da atividade, tão caro aos geógrafos, inerente do conflito e tensão gerados por diferentes grupos e atores sociais quando confrontados nos limites e possibilidades que o meio proporciona. A segunda possibilidade de resposta pode ser buscada através da crítica ao paradigma utilizado por Lamego, observando as conexões, as causalidades das relações observadas por ele sobre o Homem e a Natureza.

O capítulo VI – A importância de Alberto Lamego para a história ambiental fluminense procura identificar primeiramente a noção de natureza em Lamego; num segundo passo, busca-se identificar o modo como o domínio sócio-econômico de um determinado grupo se estabelece sobre uma região; e, finalmente, num terceiro momento, pretende-se alinhar as principais estruturas de significados, valores e princípios que ligam estes homens à natureza.

Diante do exposto, podemos dar início a este trabalho, sabendo que nosso objetivo principal é identificar na obra de Lamego suas principais idéias, com as quais ele constrói as regiões do Rio de Janeiro. Queremos também analisar as idéias força de Lamego a partir de uma perspectiva ambiental, buscando no autor, na sua obra, elementos capazes de subsidiar a construção de uma história ambiental fluminense.

Teremos também como objetivos secundários: compreender seu método de trabalho; identificar alguns dos principais temas e análises desenvolvidas e sustentadas por Lamego; contextualizar as paisagens descritas por Lamego no âmbito da Geografia; identificar a atualidade ou não das suas regiões frente aos desdobramentos sócio-espaciais promovidos no Estado do Rio de Janeiro nas últimas décadas; e finalmente, interpretar suas afirmações e posições a partir da perspectiva aberta pelo princípio da complexidade, relendo seus passos e suas colocações tendo em mente que a história humana se realiza num ambiente de restrições naturais onde cada ação humana promove conseqüências ambientais.

## I. BIOGRAFIA RESUMIDA DE ALBERTO LAMEGO

Alberto Ribeiro Lamego nasceu em 1896, na cidade de Campos dos Goytacazes, região norte do Estado do Rio de Janeiro e, ainda criança, se mudou com a família para a Europa. Lamego estudou em escolas de Portugal, Bélgica e Inglaterra. No ano de 1918, forma-se em Geologia e Engenharia de Minas pela Royal School of Mines, do Imperial College of Sciences and Technology, em Londres.

Após o término dos estudos, Lamego retorna ao Brasil, em 1920, e no mesmo ano é admitido no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, atual Departamento Nacional de Produção Mineral, onde fará carreira tornando-se um dos mais importantes geólogos do país. Dentre suas grandes contribuições à geologia, destaca-se a obra *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo* (Lamego, 1944), onde já indica o potencial petrolífero da região Norte Fluminense, hoje responsável por mais de 80% da produção nacional de petróleo.

Alberto Lamego não será somente um grande nome para a geologia, mas também para a geografia fluminense. Isso porque, entre as décadas de 1940 e 1950, publica aquelas que serão consideradas suas obras-primas: uma série de livros de cunho sócio-geográfico que aborda, em uma síntese fascinante, desde as escarpas da Guanabara e a geologia de Campos até as populações que ali residiam, seus hábitos e sua cultura. Essa série de livros é conhecida como *Os Setores da Evolução Fluminense* e está dividida em: *O Homem e o Brejo* (Lamego, 1946), *O Homem e a Restinga* (Lamego, 1946), *O Homem e a Guanabara* (Lamego, 1948) e *O Homem e a Serra* (Lamego, 1950).

No entanto, sua obra geográfica será alvo de intensas polêmicas, durante a época do radical movimento de renovação pelo qual passou a geografia, no final dos anos de 1970 e ao longo dos 80. Durante esse tempo, sua obra foi

menosprezada e, Lamego, acusado por grande parte dos geógrafos de “fazer a geografia do poder”, já que vinha de uma tradicional família do norte fluminense.

Porém, dentro do espírito de sua época, Lamego foi um mestre. Hoje, sua obra tem tido o merecido reconhecimento pelo seu imenso valor e pela sua importante contribuição para o desenvolvimento da geografia. Alberto Lamego é, hoje, novamente fonte de consulta, leitura primeira e obrigatória para a compreensão da geografia física e humana do Estado do Rio de Janeiro e, também, fonte de inspiração para jovens geógrafos brasileiros.

As bases conceituais que fundamentam a obra de Lamego são muito ricas e muitas matrizes teóricas são reconhecíveis em sua obra, a partir de uma análise mais apurada. Apesar de suas obras datarem já da primeira metade do século XX, é reconhecida a influência que sofreu de geógrafos do final do século XIX e do início do século XX, como Eric Dardel (Rodrigues, 1978), Élisée Reclus (Andrade, 1985) e, principalmente Paul Vidal de la Blache (IBGE, 1939).

De Eric Dardel, Lamego, herdou o gosto pelas relações entre o homem e a terra, a crença de que o primeiro é herdeiro direto desta e que existiria quase que um “destino comum” que uniria a terra e o homem ao longo do tempo, construindo, juntos, as sociedades, a cultura e a história. Um influenciando e quase determinando o outro.

A influência de Élisée Reclus sobre Lamego é inegável. Seguindo o modelo do geógrafo francês, que analisa a realidade em seu entorno como sendo o produto da interação entre três principais fatores, a terra, o homem e a obra humana, Lamego vai estruturar cada um de seus livros da tetralogia *Os Setores da Evolução Fluminense*, em três principais capítulos: a terra, o homem e a cultura. Como vemos, essa estrutura corresponderia exatamente aos três grandes grupos de questões propostos por Reclus para a construção da Geografia Universal.

Outra influência, do geógrafo anarquista Reclus sobre Lamago, pode ser encontrada na sua defesa pela unidade da geografia. Para ele, a geografia tratava-se de uma única ciência e opunha-se veementemente à dicotomia geografia física e geografia humana. Assim como Reclus, Lamago estudou a natureza ao mesmo tempo em que analisou as transformações do homem sobre ela. Esta idéia encontra-se impressa em toda a obra de Lamago podendo ser evidenciada até mesmo na estrutura de cada livro.

Primeiramente, na categoria *A Terra*, Lamago faz uma detalhada descrição da região estudada, ressaltando sempre seus aspectos físicos. Nessa categoria, vão ser estudados os processos formadores do relevo regional e sua evolução até a atual conformação, como que descrevendo o cenário onde a ocupação e atuação humana vão ocorrer. Isto feito, Lamago segue para a próxima categoria onde é estudado o elemento humano e sua ação sobre a natureza. Nesta categoria, *O Homem*, Lamago apresenta ainda um estudo da ocupação e transformação da região por parte do homem. A obra é finalizada com a categoria *A Cultura*, onde se analisa a cultura regional, descrevendo sua formação e apontando suas condicionantes.

A influência mais clara talvez resida ainda naquela vinda do também geógrafo Paul Vidal de la Blache. A exemplo deste francês, Lamago apresenta seus temas a partir da relação homem-meio na perspectiva da paisagem. Alicerça-se na preocupação em dividir o espaço fluminense em quatro grandes regiões – a Serra, a Guanabara, a Restinga, o Brejo – e segue tão de perto as idéias lablachianas que acaba por descrevê-las e interpretá-las sobre a base, não só da diferenciação espacial que observa – base subjetiva, porém essencial, da regionalização francesa – mas, principalmente, vê as regiões como resultado de uma comunhão total entre o homem e o meio, construindo gêneros de vida únicos e exclusivos sobre a terra. Enfim, Lamago apresenta à humanidade possibilidades históricas segundo o estado da técnica. A apropriação e o uso do território em meio à consolidação da sociedade se traduzem dessa maneira, em conseqüências sócio-espaciais que se acumulam no tempo.

## II. O MÉTODO DE TRABALHO DE ALBERTO LAMEGO

### 2.1- A influência de Élisée Reclus

Nos quatro livros de Lamego, que compõe a série *Os Setores da Evolução Fluminense*, o autor abre as suas obras, nos prefácios, com coletâneas de citações que exprimem a impressão de diversos autores e viajantes sobre a paisagem que será estudada nas páginas adiantes. A partir daí e seguindo o modelo de estruturação inspirado, como sabemos, em Élisée Reclus, Lamego faz um aprofundado estudo geológico – geomorfológico passando, no capítulo seguinte, a dedicar-se aos diferentes “tipos” – índios, lavradores etc. que ocuparam a região destacando os aspectos evolutivos, históricos, fechando suas obras com as questões culturais – a cidade, o sal, a pesca, as redes de comunicação e assim por diante.

Inicialmente, a geografia utilizava-se da região como região natural, que, segundo Corrêa é um “ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes” (Côrrea, 1986).

Nesse sentido, ao analisar a definição de região em Lamego, percebe-se que o autor utiliza-se de critérios naturais para a sua delimitação: o Brejo, a Restinga, a Guanabara (Baía) e a Serra. Contudo, quando este aprofunda sua análise do espaço regional, na verdade, passa a considerar o espaço como uma síntese do ambiente natural com o do uso que o homem dele faz, a partir de uma perspectiva historicista. Isto nada mais é que a região geográfica definida por Paul Vidal de La Blache (La Blache, et al., 1954).

## 2.2 - Perspectiva historicista

As correntes historicistas, em sentido amplo, afirmam que é a história que faz o homem e não o homem que faz a história. Para Popper, existe uma pobreza inata no historicismo, uma falta de alcance da metodologia, uma vez que seria impossível para as ciências sociais descobrir leis do desenvolvimento na história (Popper, 2007). O historicismo teria como fonte de inspiração os modelos românticos inaugurados por Schelling, para o qual o universo deixou de ser um sistema e passou a ser entendido como história, numa passagem do cosmológico para o antropocêntrico (Siegel, 1978). Schelling desenvolverá o conceito de *Idealismo Estético*, concepção romântica, onde toda a natureza é espiritualizada, e o espírito humano atinge a essência metafísica da realidade através de uma intuição estética (Puente, 1997).

De certo modo, o historicismo é o contrário do conservadorismo, uma vez que ele abre uma perspectiva, uma fuga para frente, através do evolucionismo e do progressismo. O historicismo é caracterizado por estabelecer leis gerais do devir à imagem e semelhança das leis físicas. Generaliza a partir do particular. O historicismo aceita a idéia de que pesquisando determinadas leis se poderia determinar o futuro da humanidade. O conservadorismo, por sua vez, aproxima-se do tradicionalismo, portanto, o termo é freqüentemente utilizado para descrever posições político-filosóficas, alinhadas com as transformações graduais, que, em geral, se contrapõem a mudanças abruptas de determinado marco econômico e político-institucional ou no sistema de crenças, usos e costumes de uma sociedade. (Vieira, et al., 1985).

Compartilhando estes valores historicistas, Lamego considera o ponto formador de uma região os diferentes momentos históricos de uma gente em luta contra o meio e a própria natureza (Gonçalves, 1989), fazendo surgir diversos cenários locais, que dão origem a uma série de paisagens fluminenses, paisagens

humanizadas (IBGE, 1962), resultando, para o autor, nas quatro grandes regiões do Estado do Rio de Janeiro – o Brejo, a Serra, a Guanabara e a Restinga. Todos os livros estão divididos em três partes: A Terra, O Homem e a Cultura.

### **2.3 - Imposição dos elementos telúricos - A Terra**

Nos primeiros capítulos dos seus livros, o autor apresenta um estudo pormenorizado das principais formações geológicas encontradas na Guanabara, no Brejo, na Restinga e na Serra. Estes capítulos, ainda hoje, são referenciais para os estudantes e pesquisadores das geociências, mesmo levando em consideração todo o desenvolvimento que as matérias tratadas – a gênese das restingas, por exemplo - ganharam nos últimos cinquenta anos (Rocha, et al., 2004) e (Ab'Sáber, 2006).

Existe um problema aparente na classificação de Lamego quando sua obra é analisada a partir de um diagrama espaço – tempo proposto por Delacourt nas análises comumente desenvolvidas nos trabalhos de ecologia de paisagens (Delcourt, 1991). Para este autor, os fenômenos que se inscrevem sobre uma determinada paisagem possuem duas dimensões: tempo e área. Por exemplo, as flutuações climáticas possuem um ritmo, um período que varia de mil a cem mil anos e atuam em espaços da ordem dezenas de milhões de quilômetros quadrados. As atividades humanas mais extensivas – como a agricultura – ocorrem numa escala de centenas de metros quadrados a, no máximo, alguns milhares de quilômetros quadrados num regime anual ou de dezenas de anos apenas.

Deste modo, a dimensão das atividades humanas está inscrita nas escalas dos acontecimentos geológicos, geomorfológicos, climáticos, biogeográficos etc. As atividades humanas estabelecem apenas um microcosmo num universo de

forças regidas por temporalidades e dimensões muito mais amplas e profundas. Em outras palavras, a Serra, o Brejo, a Guanabara e a Restinga possuem processos, forças e condicionantes que estão muito além das escalas humanas, haveria, portanto, nesta acepção de região uma imposição dos elementos telúricos sobre as atividades humanas. As regiões de Lamego são mais naturais que humanas.

#### **2.4 - O Homem – o “indivíduo – tipo”**

Lamego trata da evolução do homem sobre os mais diversos ambientes aqui encontrados nas terras fluminenses. Partindo da descoberta e da sua conseqüente conquista, o desenvolvimento dar-se-á sobre o morro, a restinga, o pântano e o recôncavo. Lamego traça panoramas históricos das regiões mostrando a sua evolução, numa eterna luta entre o homem e a natureza.

O trabalho de Lamego apóia-se na construção dos “indivíduos–tipo” que descreveriam as características sociais de um determinado grupo. Este tipo de interpretação já aparecia nos manuais escolares europeus desde meados do século XIX (Parravicini, 1916), marcando também época na produção geográfica brasileira nas décadas de 40 e 50 do século XX. Atingindo, talvez, sua plenitude, no Brasil, com os trabalhos de Pierre Deffontaines, discípulo de La Blache, que trabalhou no Brasil e foi contemporâneo de Lamego (Deffontaines, 1956).

Este geógrafo francês que ajudou a construir tanto o IBGE como os primeiros cursos universitários de geografia, descreverá os “indivíduos–tipos” a partir de uma interpretação dos aspectos, dos modos, das ações que um determinado grupo desempenhava. Assim, por exemplo, descreverá os mascates sírio-libaneses como um “indivíduo-tipo”. Geração após geração desempenhava a mesma profissão, o comércio de cortes de tecido, arremates e mercadorias de

armarinho, a mesma prática, ditada pela tradição, cultura, hábitos, costumes e crenças. O “indivíduo-tipo” age conforme a tradição e obedece a normas de conduta social adquiridas pela prática, pela herança. O indivíduo-tipo não existe por si mesmo ele é uma representação de um conjunto, de um segmento, de um grupo social que desempenha uma determinada função na sociedade. Neste sentido, Lamego seguirá os passos de Deffontaines e La Blache, seus “indivíduos-tipo” são elementos funcionais que se relacionam entre si e estruturam uma determinada sociedade.

Max Weber, já no século XIX, havia construído o tipo ideal como ferramenta de análise sociológica que cumpriria duas funções principais: primeiro, a de selecionar explicitamente a dimensão do objeto que virá a ser analisado e, posteriormente, apresentar essa dimensão de uma maneira pura, sem suas sutilezas concretas. O tipo ideal para Weber é uma abstração e não uma realidade, desta forma, a ciência positiva, racional teria instrumentos para operar uma complexidade infinita, teria condições de penetrar no processo histórico, racionalizando-o de forma objetiva não aceitando qualquer tipo de juízo de valor (Weber, 1979).

Lamego voltará e compartilhará esta tradição, vaqueiros, indígenas, lavradores, fazendeiros aparecerão nos capítulos dos seus livros, cada qual, descrevendo uma tradição, cada qual, criador de um modo de vida que deixa marcas na paisagem.

## **2.5 - Cultura – (do *latim cultura, cultivar o solo, cuidar*)**

A cultura e a civilização fluminense brotam do brejo, nascem a partir do momento que conseguem dominar as forças imperativas da natureza. Os canais surgem onde antes havia a selvajaria, a mata fechada, imensa. Este é o

pensamento central de Lamego: a cultura, a civilização, floresce a partir da conquista das terras férteis do brejo. As descrições elaboradas por Lamego aproximam-se da narrativa épica, onde desfilam coleções de feitos, de fatos históricos, de vários indivíduos e famílias reais, ilustres. Neste sentido, Lamego constrói uma narrativa que pretende a um só tempo eternizar os feitos heróicos de uma gente que enfrentando toda espécie de adversidades vence os desígnios da natureza inclemente.

Lamego parece buscar inspiração nos modelos que resgatam os caminhos seculares e tradições ancestrais. O trecho citado a seguir dos *Lusíadas* de Luis de Camões revela a força do gênero épico no ocidente, que atravessa séculos e civilizações distintas, em diferentes épocas, em diferentes mundos. Sabe-se que os primeiros grandes modelos de epopéia são os poemas homéricos da *Ilíada* e da *Odisséia* (Sousa, 1973).

*Vês Europa Cristã, mais alta e clara  
Que as outras em pólicia e fortaleza.  
Vês África, dos bens do mundo avara,  
Inculca e toda cheia de bruteza;  
Co Cabo que até' aqui se vos negara,  
Que assentou pera o Austro a Natureza.  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem Lei, quási infinita* (Camões, 1913).

Se existe uma força épica nos escritos de Lamego, também não se pode deixar em segundo plano o mundo dual que se apresenta: a civilização contra a barbárie, a perseverança contra a natureza. Esta tendência pode ser percebida ao longo dos textos de Lamego e culmina em determinados pontos numa manifestação, uma inclinação, para entender e contar a história fluminense como milagre. Explicando melhor, em *Contra Naturam*, Santo Agostinho defende a idéia

que Deus age, através dos homens, não contra a natureza, mas sim contra as coisas que a natureza faz. O Homem, inspirado por Deus, teria condições de reverter os desígnios da Natureza e esta reversão se manifesta em milagre (Pannenberg, 2002). No entendimento de Santo Agostinho, Deus não pode agir contra a natureza pois, seria agir contra Suas próprias leis. Os milagres seriam prodígios, acontecimentos, fatos e feitos capazes de manifestar provas da vontade de Deus contra aquilo que a natureza faz. Neste sentido, a água no deserto seria prova da manifestação da vontade de Deus ao permitir que este milagre se manifeste. Neste mesmo raciocínio inscreve-se a visão de Lamego que vislumbra o nascimento de uma civilização a partir do brejo. Da lama se constrói a civilização.

Lamego escreve sua obra tendo em mente o desafio de contra argumentar Buffon, Bacon, Thomas Moore e Hegel, dentre outros, que afirmavam a impotência da natureza e do homem americano, incapazes de grandeza e construções maiores (Gerbi, 1996).

Ao mesmo tempo em que Lamego opõe o Homem contra a Natureza, numa luta secular, o milagre, a civilização, florescem a partir das possibilidades geradas pelo solo fecundo.

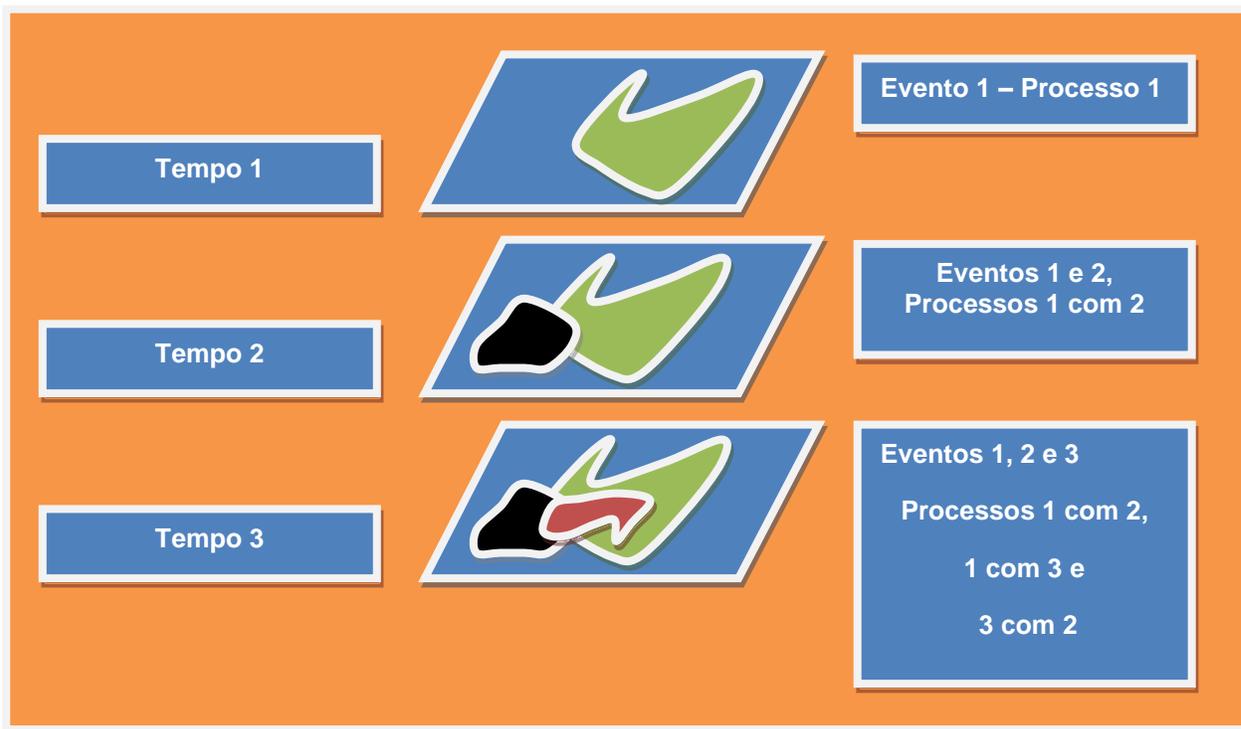
Ao mesmo tempo em que Lamego levanta sua voz contra os argumentos e teses defendidas na Europa sobre a inferioridade natural do homem americano e das civilizações que aqui se desenvolveram, ele abraça a tradição ocidental, marcada pela racionalidade e pelos dualismos, possuindo certa atração por bifurcações, que condicionam um modo de pensar disjuntivo, marcado em pares de termos irreconciliáveis: natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, subjetivo/objetivo. Em *The concept of Nature*, Whitehead critica e rejeita este modo dualista e disjuntivo do pensamento ocidental que se traduz no que ele designa por “teorias da bifurcação da natureza” (Whitehead, 1964).

Whitehead tenta construir uma nova filosofia, abrir uma nova perspectiva, quando desenvolve a sua filosofia da natureza, descrevendo-a como uma sucessão de eventos. De fato, Whitehead estava analisando o impacto da formulação do *Princípio da Incerteza de Heisenberg* sobre a natureza - que anunciava ser impossível especificar e determinar, simultaneamente e com precisão absoluta, a posição e a velocidade de uma partícula atômica. Tal enunciado representa um cheque-mate para o determinismo clássico, para a física clássica, colocando em questão não apenas a noção tradicional de causalidade, mas a própria independência entre o observador e o observado (Heisenberg, 2003). Não há como separar o homem da natureza, um está dentro do outro, só é possível perceber sucessões de eventos complexos, que se interpenetram, se influenciam indefinidamente. Lamego não compartilha desta visão, para ele, a natureza oferece possibilidades materiais para o surgimento da civilização. A Serra e a Floresta, como será visto mais adiante, são tratadas como obstáculos para o desenvolvimento da civilização do café, no Vale do Paraíba, por exemplo.

Lamego, apesar de todas as considerações e descrições geológicas e geomorfológicas presentes nos seus livros, não apresenta suas paisagens como um todo complexo onde eventos - múltiplos, superpostos, cíclicos e interdependentes - acabam por tecer uma trama, um cenário singular, repleto de conflitos e tensões. Lamego retira a tensão das suas paisagens a partir do momento em que ele indica o caminho para o progresso, para a civilização. Neste caminho é possível identificar uma linearidade no alinhamento das suas paisagens, assim, a paisagem natural precede a agrícola que por sua vez antecede a paisagem urbano-industrial. O caminho para o desenvolvimento é este.

A perspectiva ecológica de Parker e Pickett apresenta a paisagem como o resultado cumulativo de múltiplos eventos que se sucedem no tempo e no espaço onde, cada evento novo introduz um novo processo, uma nova tensão sobre as formações anteriores. As paisagens de Parker e Pickett estão continuamente sujeitas a pressões, tensões e conflitos que se acomodam em equilíbrios

dinâmicos. A Figura a seguir, adaptada do original (Parker, et al., 1998), exemplifica a concepção destes autores, que a conceituam como produto da complexidade de múltiplos eventos e processos. Volta-se, assim, aos conceitos de *Landschatsökologie* e *Landschaftstskomplex*. A cada novo evento abrem-se novos processos, novas relações, novas interações que se recombinaem na busca de um novo equilíbrio.



**Figura 1 - Paisagem como produto da complexidade de múltiplos eventos e processos, adaptado do modelo original de Parker e Pickett**

Preso a sua fé em construir um discurso capaz de combater a voz corrente dos mais altos círculos intelectuais da Europa, Lamego rejeitará todo e qualquer argumento que aponte para as supostas realizações menores dos homens miscigenados dos trópicos, não afeitos ao trabalho, à cultura e à religião. Nas paisagens de Lamego, os conflitos ambientais, os conflitos sociais, serão removidos ou pouco tratados, com o objetivo de abrir espaço para a narrativa que descreve o processo de construção de uma civilização fluminense (brasileira),

nascida da luta do homem contra as adversidades impostas pela natureza. As paisagens de Lamego não são, portanto, ecológicas, holísticas ou complexas, distanciando-se da proposta formulada por Parker e Pickett.

## 2.6 - A História Ambiental em três passos

Finalizando suas obras, Lamego tratará da cultura e das relações entre o homem e a Guanabara, a Serra, o Brejo e a Restinga. A relação tão próxima desses dois fatores fica marcante em diversos trechos da obra, como este a seguir:

*O meio e o homem numa interação contínua através de trezentos anos de antagonismos inconciliáveis, puderam enfim acomodar-se. Os fatores geográficos obstrutivos da cultura, conquanto ainda persistam em escala que supera os recursos econômicos regionais para sua completa eliminação, já se não levantam com a tremenda virulência primitiva, desalentadora dos esforços mais tenazes (Lamego, 1948).*

O trabalho de Lamego também pode ser estudado por outras abordagens. Neste, como em todos os outros trabalhos da série de evolução dos setores fluminenses, o autor deixa bem claro a necessidade do estudo do meio físico para o embasamento de outras linhas de análise. Aqui está o primeiro passo, o primeiro nível de análise.

*Eis aí em breves traços a baía majestosa, de suntuosidades paisagísticas inenarráveis. Contentemo-nos analisá-la friamente, buscando nas investigações científicas qual a origem da sua morfologia extravagante, eterna fonte de arrebatamentos artísticos e núcleo geográfico inigualável doado ao Brasil pela natureza, para o governo e a centralização da sua cultura dispersa sobre um tão imenso território (Lamego, 1948).*

No trecho acima, Lamego apresenta o Rio de Janeiro e sua paisagem, sua baía majestosa, de uma maneira romântica, conforme o modelo herdado da geografia das paisagens dos geógrafos alemães (Lahuerta, 2006). Os estudos

apresentados no capítulo, *A Terra*, são referenciais, até hoje, para o estudo da geomorfologia da cidade do Rio de Janeiro.

A tarefa de sua análise geográfica e regional da terra fluminense, partindo da base física de cada setor, tem a finalidade de atingir uma completa compreensão da terra, para, a seguir, nela verificar a adaptação do homem (Azevedo, 1944). A partir daí, Lamego esforça-se para traçar o esboço do desenvolvimento de uma cultura própria nos trópicos, observando os aspectos e as relações que promoveram a formação de uma civilização brasileira, repleta de influências diretas dos índios, negros e brancos que povoaram estas terras (Hollanda, et al., 1967).

Podemos lembrar que isto é aquela mesma análise proposta, hoje, pelo primeiro nível de estudos das atuais linhas de investigação em história ambiental, que afirma ser o primeiro passo de análise o estudo do meio físico. Mesmo que não seja para se aprofundar nessa linha de pesquisa, o estudo do meio é de importância fundamental para o entendimento e o aprofundamento do que diz respeito ao homem, suas relações com a terra, entre outros fatores (Aston, 1997). Nesse sentido, o fragmento a seguir exemplifica esta visão e Lamego:

*A ocorrência mostra como em certos casos a própria vida de uma população urbana e o crescimento de uma cidade subordinam-se a estruturas geológicas. Sem o sinclinal do morro da Boa Vista e sem os atributos petrográficos de suas rochas, permitindo a sua decomposição em massa tão altamente porosa, não teria Niterói esse natural reservatório d'água, sem o qual não poderia a cidade evolver nos quatro primeiros séculos de sua formação (Lamego, 1948).*

E no próximo extrato, citado a seguir, onde o meio sempre influenciando a fixação de população ao longo do território fluminense, Lamego deixa claro, não somente nessa obra, mas em todas as outras da série, que a população fluminense sempre lutou ferrenhamente contra as imposições do meio, que tentavam impedi-la de se fixar. Mas que isso não foi suficiente e ela, finalmente, se impõe, vencendo e se estabelecendo.

*Além, sobre a infecundez dos areais, vimos a avareza da terra dispersando o homem. Anulando interesses agrários, espalhando comunidades por medíocres núcleos contemplativos agachados à beira de pequenos rios ou à margem das lagunas, numa espera tri-secular de vitalizações externas. Fraco lhes foi o estímulo das próprias zonas que centralizavam, e incapaz de os enervar de vigorizantes energias para um progresso acelerado (Lamego, 1948).*

Então, o homem vence o meio (Carpenter, et al., 2004). Assim como as populações mexicanas e de Amsterdã, o povo fluminense lutou fortemente para conseguir se fixar.

*É nisto, sobretudo, que este homem vai tornar-se formidável na peleja contra o meio; na solidificação de um solo encharcado; no estender centenas de quilômetros quadrados de uma grande cidade sobre um pântano. A não ser possivelmente o México, construída sobre um antigo lago dessecado pelos espanhóis, e onde o subsolo requer drenagens permanentes, e Amsterdã erguida sobre estacas nos lamaçais do Zuiderzee, nenhuma outra grande capital teve de empenhar-se em problemas tão difíceis para a fixação de seus alicerces (Lamego, 1948).*

Desta forma, o autor passa a refletir sobre um segundo nível da análise, abrindo espaço para a construção de uma abordagem histórica, imbuída de uma dimensão socioeconômica:

*Pode-se pois dizer que, não obstante a limitação da cidade aos quatro marcos orográficos da Conceição, de Santo Antônio, de São Bento e do Castelo, toda a futura área do Distrito Federal fora descoberta e possuída pelo carioca do segundo século, graças a cana-de-açúcar e a pecuária, principais instigadores da penetração. (Lamego, 1948).*

*[...] foi a busca de pastarias nativas para o gado necessário aos engenhos do recôncavo que, originariamente motivou, com a descoberta das planícies do baixo Paraíba, a grande indústria açucareira campista (Lamego, 1948).*

Por fim, apresenta-se o terceiro nível, capítulos conclusivos nas suas obras, onde se busca demonstrar como os elementos naturais se conjugaram com outros para forjar a alma carioca:

*Tão íntima foi no Rio a associação da terra ao homem que se diria entrever-se no Grande Mistério das origens a conjugação dos mais secretos dos mais secretos impulsos criadores do meio telúrico, para projetarem uma estrutura geológica e um ambiente geográfico em plena harmonia com a futura psicologia do habitante (Lamego, 1948).*

Esquemáticamente, a Figura 2 a seguir apresenta o modelo conceitual utilizado por Lamego na série dos setores de evolução fluminense. Três categorias – a Terra, o Homem e a Cultura relacionam-se para formar uma singularidade, um arranjo único no espaço, onde uma categoria influencia a outra, criando forças capazes de promover a formação e a evolução de uma paisagem.

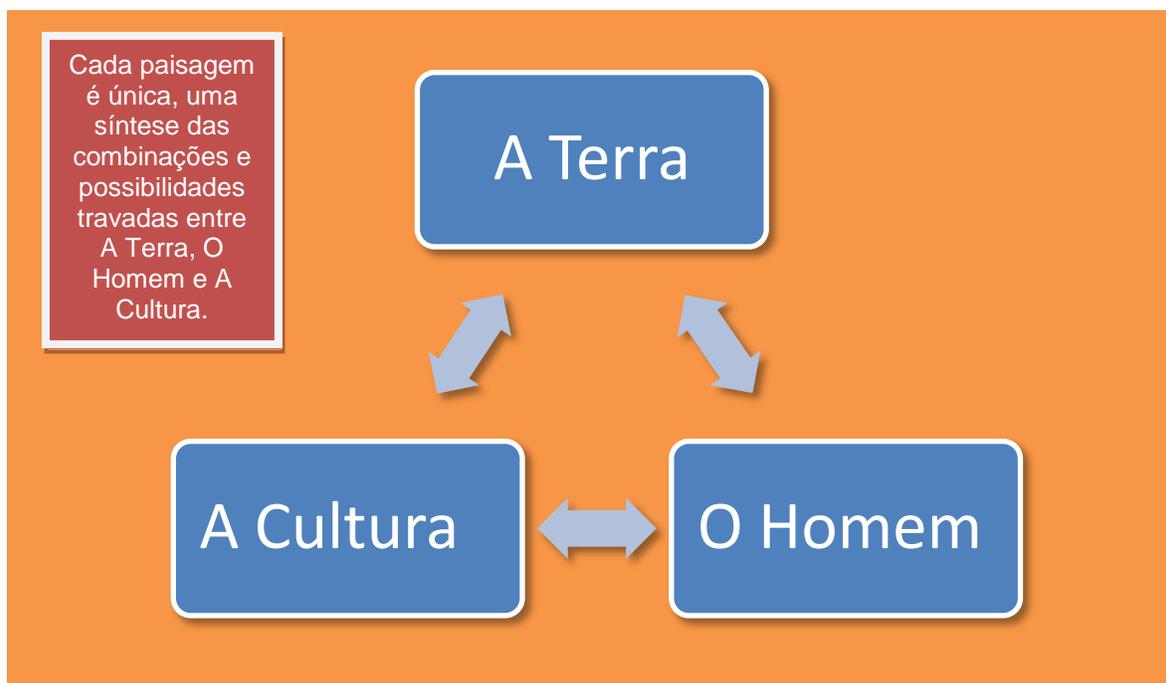


Figura 2 - Modelo analítico utilizado por Alberto Lamego na série os setores da evolução fluminense 1946 a 1950.

## 2.7 - Lamego e a “descoberta” do Homem Cordial

O autor analisa toda a história de ocupação de um meio físico abundante em obstáculos apenas para mostrar as decorrentes características psicológicas de seus habitantes. Para Lamego,

*Entre os demais grupos regionais brasileiros destaca-se o carioca por suas características coletivamente singulares de um povo alegre e humorista, em todas as suas camadas pronto sempre a floretar em requintes de ironia (Lamego, 1948).*

Já em 1936, Sérgio Buarque de Holanda retratava em *Raízes do Brasil*, o nascimento do *Homem Cordial* - indivíduo brasileiro típico que teria desenvolvido uma histórica propensão à informalidade. A explicação para o aparecimento deste fenômeno deve-se ao fato das instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, de fora para dentro (da Metrópole para a Colônia) não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então (Holanda, 1936).

Roberto da Matta retoma esta questão, aprofundando-a, explicando que, as instituições brasileiras foram desenhadas para coagir e desarticular o indivíduo. Os brasileiros estariam acostumados a violar e a verem violadas as próprias instituições. No entanto, afirma que é ingênuo creditar a postura brasileira apenas à ausência de educação adequada. Para da Matta, a natureza do estado é naturalmente coercitiva, porém, no caso brasileiro, é inadequada à realidade individual. Diante deste cenário, incapacitado pelas leis e descaracterizado por uma realidade opressora, o brasileiro utilizará recursos que vençam a dureza da formalidade, se quiser obter o que muitas vezes será necessário à sua mera sobrevivência. Assim, diante de uma autoridade, utilizará termos emocionais (da Matta, 1979).

Este esforço por demonstrar a importância dos elementos naturais na formação da cultura tem seu ponto culminante no derradeiro item denominado *Sinfonia Carioca*, onde o samba figura como a expressão máxima que surge de uma cultura intrinsecamente ligada ao meio. Por essa razão, Lamago nos diz que “o samba é a música e a dança dos contrastes. A síntese do homem e da paisagem cariocas. É ele um cântico natural da terra”. Mais adiante, completa: “em seus acordes paradoxais, sinfonizam-se os fatores extremos de uma topografia caótica de relevos” (Lamego, 1948).

### III. TEMAS E ANÁLISES DESENVOLVIDOS POR ALBERTO LAMEGO

Cabe perguntar, nesta seção, como Lamego estruturava suas análises, como enunciava suas idéias e como as desenvolvia. Trata-se, portanto, de remontar as paisagens descritas por Lamego, a partir dos princípios da geografia, clássicos então, que tratam da extensão, analogia, causalidade, conexidade e atividade dos fenômenos naturais e humanos inscritos numa determinada região (Andrade, 1981).

Entretanto, esta tarefa mostra-se na prática um verdadeiro desafio face à erudição do autor. Lamego utiliza uma gama de informações imensas para construir um determinado cenário, uma rede de referências vastíssima vai se formando a cada página de seus livros. Lamego demonstra profundo conhecimento dos relatos elaborados pelos viajantes estrangeiros dos primeiros séculos da colonização, cartas e mapas antigos, documentos, fotos de arquivos, fontes estatísticas e livros que vão desde a poesia até os almanaques, passando por títulos de geologia, história, economia, filosofia, geografia, antropologia etc. As conexões, as analogias, os exemplos, os detalhes e os recortes são tantos e profundos que se mostra uma tarefa árdua percorrer.

Praticamente, em cada argumento desenvolvido por Lamego, existe uma intencionalidade subjacente, uma história a revelar, uma circunstância rica, capaz de explicar suas posições. Com o objetivo de ilustrar este ponto de vista, algumas notas retiradas da introdução de *“O Homem e o Brejo”* (Lamego, 1946) serão discutidas e analisadas com o objetivo de delimitar a forma e a intencionalidade das ações e posições de Lamego. Para mergulhar em Lamego e tentar resgatar algumas essências da sua obra, buscou-se inspiração na filosofia de Ortega y Gasset, particularmente nas suas máximas como “cultura é o sistema de idéias

vivas que cada época possui” e “civilização é, antes de mais nada, vontade de convivência” (Ortega y Gasset, 1983).

Voltar ao sistema de idéias de uma época e repensá-las a partir dos dias de hoje é um desafio imenso, uma vez que os conceitos à disposição hoje não são os mesmos de ontem. Assim, ao iniciar-se uma viagem deste tipo acaba-se por surpreender-se e “surpreender-se é começar a entender” (Ortega y Gasset, 1983).

Ortega y Gasset afirma que três passos ciclicamente se repetem antes da tomada de uma ação, uma posição. No primeiro passo, o Homem está perdido no meio das suas circunstâncias (oportunidades) e comporta-se como um náufrago, este momento é o da alteração uma vez que alguma decisão precisará ser tomada para se sair daquela situação. O segundo passo é o da construção dos ensinamentos onde, com enérgico esforço, o Homem se recolhe à sua intimidade para formar idéias sobre as coisas, aqui são construídas as idéias que permitirão a tomada de uma ação sobre o conjunto de possibilidades. Finalmente, o Homem torna a submergir no mundo das idéias para atuar nele conforme o que havia preconcebido, desta forma, sua ação, sua vida ativa transforma-se na sua práxis. Identificar a práxis de Lamego, descobrir as suas idéias, com as quais ele constrói a sua obra é um dos objetivos deste trabalho. Com este objetivo, utilizou-se uma série de enunciados que abrem a sua tetralogia e buscou-se realizar uma análise com a finalidade e propósito de surpreender-se e começar aprender.

### **3.1 - A Íbero – América como luz do Novo Mundo**

Lamego publica o “Homem e o Brejo”, em 1946, sobre as ruínas deixadas pela Segunda Grande Guerra. Para ele, estava descartada a possibilidade de um Mundo Novo ser construído no norte do hemisfério. A América do Norte era uma extensão da Europa, portanto, seu destino estava traçado a um mesmo fim. Para

Lamego, o pós-guerra seria a oportunidade da Íbero-América dar ao Mundo um novo horizonte, uma nova oportunidade para as nações que atravessavam um período por demais escuro. Vejamos sua idéia:

*Entre nós mesmos, entretanto, há uma espantosa civilização de arranha-céus que nos força olhar para as estrelas, mas que resguarda com puritana rispidez a sua pureza racial arianamente imaculada. Por isso é que, se o americanismo concretiza em si uma nova humanidade, somente o ibero-americanismo poderá guiá-la para ideais definitivamente certos (Lamego, 1946).*

Esta frase revela o desejo de Lamego em encontrar na Íbero-América e, particularmente no Rio de Janeiro, uma democracia racial e denunciar ao mesmo tempo o *apartheid* vivido nos Estados Unidos de então. A velha humanidade, apoiada nos pressupostos da superioridade racial estava em ruínas na Europa, arrasada pela guerra.

Paradoxalmente, a esperança de Lamego repousa fragilmente sobre uma história de 350 anos de servidão escravocrata tão minuciosamente estudada, pelo também geógrafo e historiador, Caio Prado Júnior, figura importante nos meios acadêmicos e políticos daquela época. Curiosamente, Lamego não faz nenhuma citação sobre Caio Prado Júnior, fundador da Associação dos Geógrafos Brasileiros, na sua bibliografia. O escritor do livro clássico *História Econômica do Brasil*, publicado em 1945, dedica seções inteiras a descrever o apogeu da colônia, o império escravocrata e a aurora burguesa (Prado Júnior, 1945).

Trilhando outro caminho, Lamego descreverá os diferentes Homens que povoaram o brejo: o índio, o pioneiro, o vaqueiro e o lavrador. Lamego, neste sentido, projeta a construção dos tipos brasileiros segundo o mesmo padrão tão bem retratado pelo IBGE a bico-de-pena, há mais de 50 anos. Os desenhos de

Percy Lau<sup>1</sup> e outros ilustradores que trabalharam no IBGE durante tantos anos são provas documentais dos gêneros de vida encontrados no Brasil.

Lamego procura defender que existe a possibilidade de criação de uma civilização nos trópicos e Campos dos Goytacazes seria uma prova clara desta possibilidade.

*O alvo deste ensaio é duplo: expor a vitoriosa tenacidade de um grupo étnico brasileiro sobre o meio hostil, o que desmente a apregoada inadaptabilidade do europeu aos trópicos com culturas exponenciais, e mostrá-lo em plena fartura por ele mesmo criada, economicamente oprimido (Lamego, 1946).*

Aqui, só podemos entender que Lamego está a falar dos colonizadores descendentes dos portugueses uma vez que o negro escravo já estava aclimatado aos rigores do meio hostil dos trópicos. Lamego quer enunciar o aparecimento de uma civilização rica e culta formada a partir de condições iniciais inóspitas. É a vitória da força e do engenho europeu sobre o meio rude, é a possibilidade da construção da civilização nos trópicos.

*A América é a Canaã dos povos e das raças, das idéias processionais arrastadas nos milênios sobre a Terra, em busca de um pouso permanente e firme para as lavouras, as suas indústrias, as suas ciências, as suas artes e suas crenças. Nela, tudo surge e prolifera de repente e em grande, como as suas culturas ilimitadas, os seus rebanhos incontáveis, a sua população vertiginosamente em alta, a geração quase espontânea de suas cidades (Lamego, 1946).*

---

<sup>1</sup> Percy Lau (Arequipa, 1903 - Rio de Janeiro, 1972) era desenhista, dedicando-se, quase que exclusivamente, a fazer lustrações com bico de pena. Contratado pelo IBGE para ilustrar seus livros, viajou o Brasil de Norte a Sul, estudando paisagens e tipos humanos. Registrou os costumes da vida do interior, fixando, em imagens impressionantes, os hábitos regionais, o folclore, o comportamento do povo brasileiro e o cotidiano de inúmeras cidades e vilarejos.

A idéia de paraíso terrestre, de terra prometida, da produção farta e ilimitada é noção clara neste enunciado de Lamago. Ao utilizar um termo da Bíblia, Lamago abre a perspectiva da América como terra prometida para todos os povos, todas as raças. Onde as mesclas de cultura e sangue podem vicejar. Esta terra diferente, esta terra que tudo recicla a cada cheia, seria ela mesma um sinal do novo mundo que tudo embaralha para criar o novo. Na América, há espaço para a construção do Homem Americano:

*Mas para domínio dessa natureza são necessários requisitos de gigantes. A superiorização de atributos étnicos selecionados. A resistência biológica superativada. A vivacidade intelectual aguçada e os caracteres morais equilibrados (Lamago, 1946).*

Para Lamago, a civilização do açúcar é produto de gerações em conflito e de superação das adversidades impostas pelo meio. Pequenos sitiantes que ao longo de gerações domaram o brejo inóspito e transformaram-se numa rica e florescente sociedade. Ao final de séculos de enfrentamento, uma nova classe vívida e sofisticada havia brotado onde só havia rudeza e aspereza.

O meio hostil é civilizado pelo homem. Campos é apontada por Lamago como o resultado, a vitória do Homem sobre o meio.

*...num meio hostil e tropical o homem pode apresentar-lhes como resultado de seu teste, entre outros convincentes, os seguintes: uma das maiores cidades do Brasil interior, - maior que várias capitais de Estados -, levantada entre paus; dezessete usinas de açúcar com uma produção média anual de dois milhões de sacos; trezentos quilômetros de estradas ferro de serviço público e mais outros tantos de linhas agrícolas e particulares (Lamago, 1946).*

Hoje, se adotássemos índices para comparar o progresso civilizatório de Campos com outros municípios brasileiros, encontraríamos o Município de Campos a 1807 posições atrás do primeiro município brasileiro classificado no IDH-M, São Caetano do Sul, em São Paulo. A noção de desenvolvimento para

Lamego está apoiada na idéia de florescimento de uma aristocracia rica, culta e empreendedora, forjada a partir da conquista do brejo com a cana de açúcar.

É importante frisar, também, que Lamego estava na Europa durante a primeira grande guerra. Acompanhou, portanto, a luta das potências européias pela hegemonia mundial. Mais, sua obra terá como objetivo a construção de um contraponto em relação ao discurso da superioridade européia. A construção da idéia-força da originalidade da civilização brasileira nasce como uma resposta à superioridade civilizacional européia. Nas palavras de Lamego:

*Foi e continua a ser a estabilizada opinião de certos sociólogos e antropologistas, murados pelos Alpes e Pirineus, que a civilização ibérica transportada sobre o mar, não passará, jamais de atrevimento heróico. Que algum dia possa a Ibero-América se igualar à Europa, ou mesmo ultrapassá-la, é assunto desdenhável, ou instigador apenas, de conceitos humorísticos. Para eles, a cultura é privativa no Norte (Lamego, 1946).*

Neste contexto, Campos é modelo a ser seguido, onde todas as adversidades tropicais estavam intrinsecamente relacionadas e, mesmo assim, diante de todas as dificuldades, o gênio criativo de uma nova civilização começava a brotar. Diante do quadro de guerras e destruição na Europa, Ásia e África, a civilização brasileira encontrava um caminho novo para o desenvolvimento.

Lamego também enxergava amplas possibilidades para o país, o apoio do estado no desenvolvimento do país poderia transformar vastas extensões de terra em campos florescentes de desenvolvimento, como exemplo, Lamego cita a baixada Amazônica como fronteira de atuação e espaço para a construção de uma riqueza sem limites.

### 3.2 – Algumas contradições nas argumentações de Lamego

Lamego, na construção dos seus argumentos parece esquecer os conflitos latino-americanos. A título de exemplo, podem ser citadas a Guerra do Pacífico (travada entre o Chile, Peru e Bolívia) e a Guerra do Paraguai (travada entre a Argentina, Uruguai, Brasil e Paraguai). Mesmo assim, Lamego utiliza a expressão “*fraternalmente se acomodam em fronteiras de veludo*”. O trocadilho com o caudilhismo da América Espanhola, sinônimo de autoritarismo, da concentração de terras, do populismo e das fortes restrições de liberdade parece ingênuo aos olhos de hoje, mas terminar a frase com “*dominando a terra para o bem comum*” sugere uma ode à grande propriedade, capaz de gerar fortuna e riqueza.

Lamego cita Gilberto Freyre - o grande escritor de Casa Grande e Senzala - na sua bibliografia e, no parágrafo acima, faz um comentário claro sobre a falta de perspectivas da África, aquela altura ainda sob o julgo do mandato colonial, retalhada por senzalas. Não existe uma aparente contradição aqui? Como Campos, baseado na monocultura da cana-de-açúcar, pode ser um exemplo para o Brasil e ao mesmo tempo a África, retalhada por senzalas coloniais, não servir como fonte de esperança e oportunidade para o Mundo? Continuando ainda nesta mesma linha, a Índia é representada pela Ásia nirvânica, sugerindo ao leitor a visão de um continente apático, inerte, dividido em intermináveis castas e religiões. No outro quadrante, o mundo asiático é representado como um continente amareladamente cadaverizado, aqui também parece não haver esperança para os povos. A imagem, enunciada por Lamego, cria a visão de um continente faminto, plantadores de arroz presos a milênios de história (Freyre, 1943).

Lamego parece também não criar paralelos entre o sistema de *plantation*<sup>2</sup> introduzido no Brasil pelo colonizador português com os sistemas de produção desenvolvidos por diferentes civilizações antigas que floresceram no Oriente Próximo, Índia, China, África e América pré-colombiana. A agricultura, base da economia dessas civilizações, era praticada por comunidades de camponeses presos à terra, que não podiam abandonar seu local de trabalho e viviam submetidos a um regime de servidão coletiva. Todas as comunidades deviam tributos e serviços ao rei ao qual estavam submetidas.

*Enquanto a um fatalismo trágico deperecem os povos enrugados – velho mundo – as nações latino-americanas fraternalmente se acomodam entre fronteiras de veludo. Por trás delas, países cordialmente amigos. Desmedidas amplidões de espaços livres e hospitaleiros. Almejados pontos de chegada de todas as caminhadas raciais. Abraços das etnias errantes, milenarmente nômades. Síntese definitiva das culturas de todas as raças que se mesclam. Tudo isto só é aplicável para a América Latina, ontem cavalheiricamente caudilhesca nas diversas acomodações de liberdade e hoje progressivamente lutadora, dominando a terra para o bem comum. Difícil é prever-se tal harmonia nos continentes imodificáveis. Na África retalhada de senzalas coloniais. Na Ásia nirvânica ou amareladamente cadaverizada em imutáveis tradições. Na Europa que tenta repetidamente suicidar-se (Lamego, 1946).*

---

<sup>2</sup> *Plantation* é um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de latifúndios e mão-de-obra escrava. Foi bastante utilizado na colonização da América, principalmente no cultivo de gêneros tropicais. A *plantation* era constituída de uma grande propriedade monocultora, para produção de gêneros tropicais, em sua maioria, normalmente voltada para exportação.

## IV. AS PAISAGENS FLUMINENSES EM ALBERTO LAMEGO – QUADRO SÍNTESE

Encarados como acontecimentos discursivos, os textos escritos por Lamego assumem uma cronologia específica, como vimos anteriormente, Os *Setores da Evolução Fluminense* foram escritos ao longo de quatro anos, no período compreendido entre 1946 a 1950.

Para tentar compreender o sentido geral dado à sua obra, pretende-se neste capítulo realizar uma análise dos seus quatro livros, considerando o encadeamento das suas idéias, o direcionamento das suas análises, as noções convergentes ou divergentes defendidas ao longo das suas obras. Em outras palavras, realizar uma reflexão a partir das observações redigidas por Lamego, levando em consideração, os limites e possibilidades de suas análises em função do paradigma utilizado por ele, descrito no Capítulo III – O método de trabalho de Alberto Lamego.

A visão das paisagens em Lamego está influenciada pela escola francesa. Assim, a paisagem é o resultado da combinação, num dado território, dos elementos físicos, biológicos e humanos que constituem sua unidade orgânica e se encontram estreitamente relacionados (Metzger, 2001). Para muitos autores, o objeto da ciência geográfica é o estudo das paisagens terrestres em sua estrutura, gênese e função (Sene, 2004).

O conceito geográfico de região é mais abrangente e refere-se a territórios definidos a partir de uma perspectiva econômica, política ou administrativa. Portanto, as regiões possuem um caráter funcional. Já o conceito de paisagem carrega em si a noção de singularidade - caracterizada por seus elementos externos ou formais que a compõe (Côrrea, et al., 1998). Uma mesma região pode conter diferentes paisagens – marítima, natural, agrícola, industrial, urbana,

degradada etc. (Rubenstein, 2007). Lamego não tenta construir regiões mas sim paisagens, procurando os arranjos, as singularidades que possibilitaram o florescimento da civilização fluminense.

Há na Geografia uma vastíssima produção sobre paisagem e a geógrafa portuguesa Teresa Barata Salgueiro sintetiza desta forma a origem do conceito:

*Na herança da estética romântica naturalista, bem evidenciada por Humboldt, a paisagem ocupa lugar proeminente na Geografia quando esta se constitui disciplina científica na Alemanha, no século XIX, embora o conceito não tenha um sentido preciso. Com efeito, landschaft tanto significa uma porção limitada da superfície da terra que possuía um ou mais elementos que lhe davam unidade, como a aparência da terra tal como era percebida por um observador (Salgueiro, 2001).*

Na Alemanha, na França e nos Estados Unidos o conceito irá evoluir, abrindo novas correntes e perspectivas. Só para citar alguns exemplos, é importante mencionar as contribuições de alguns contemporâneos de Alberto Lamego, como Carl Troll que desenvolveu o conceito de ecologia de paisagens (Troll, 1968) e Carl Sauer, que trabalhará intensamente no desenvolvimento da paisagem cultural (Sauer, 1925).

Particularmente será importante a influência de Pierre Monbeig sobre Lamego. Monbeig, inspirado em Paul Vidal de La Blache, acreditava no homem como elemento fundamental da paisagem, caberia à geografia estudar os gêneros de vida, as formas, as relações que definiriam modos particulares, únicos, da relação entre o Homem e o Meio. Monbeig lecionou e trabalhou no Brasil e é dele o parecer que recomenda a publicação integral do então relatório *O Homem e a Restinga*, submetido por Lamego à Comissão Técnica do X Congresso Brasileiro de Geografia. Monbeig figura na bibliografia dos *“Setores da Evolução Fluminense”*.

No começo do século XIX, Alexander von Humboldt definiu paisagem em sentido estritamente natural (Moraes, 1987). Anos mais tarde, Carl Ritter irá

desenvolver a idéia de inter-relação entre a atividade do homem e o meio natural, abrindo espaço para a construção da geografia humana (Moraes, 2002). A escola alemã avançaria para concepções mais deterministas, atingindo o ápice com Friedrich Ratzel, na qual o meio condicionaria a atividade e a cultura humanas (Semple, 1968). Na França, a escola possibilista será erguida como um contraponto à escola alemã, representada por Paul Vidal de La Blache, defenderá a influência que o homem realiza no meio, ao longo da evolução histórica e segundo seus próprios interesses a partir das possibilidades ofertadas pelo meio (Helferich, et al., 2005).

Diante destas premissas lançadas nas escolas européias e norte-americanas, Lamego, engenheiro de minas de formação, sustentará que os recursos estão distribuídos desigualmente pela superfície da terra e as possibilidades de progresso, acúmulo de riquezas e construção de civilizações dependerá fundamentalmente da ação do homem e da sua cultura sobre estes recursos. A civilização não é fruto da ação de qualquer homem sobre a natureza, antes disso, a civilização é o triunfo da vontade de um determinado homem, imbuído de uma missão maior e um horizonte mais alargado, capaz de transformar a selvajaria em riqueza.

Outra influência que pode ser identificada em Lamego remete aos escritos de William Morris Davis, que no fim do século XIX, definiu as paisagens morfológicas conforme seus ciclos de erosão e processos de formação. Um passo decisivo nessa evolução teórica foi a classificação pelos elementos constitutivos, nos quais o relevo ganha especial destaque. Os processos de orogênese e erosão do relevo, a atuação do clima sobre os modelados, o papel da vegetação na composição das paisagens seriam os objetos que sustentariam as condições da intervenção humana, determinando as possibilidades do desenvolvimento econômico e cultural de cada povo ou civilização. A partir deste referencial teórico estava aberta para os geógrafos a possibilidade de desenvolvimento dos conceitos de paisagem natural e humanizada. (Davis, 1898).

Na concepção davisiana, tão presente em Lamego, todos os elementos naturais interagem: o clima afeta o relevo, o qual influi nas formas de vegetação, cuja maior ou menor densidade favorece ou dificulta a erosão, gerando ciclos evolutivos nos quais o homem está inserido.

O grau mais alto de humanização da paisagem é atingido na cidade, expressão máxima da civilização, onde a transformação radical do meio pela cultura é quase absoluta. As paisagens rurais, muito diferentes, são qualificadas pelos usos agrícolas, pecuários e florestais do território, assim como por outros fatores de caráter econômico (estradas, ferrovias, minas e indústrias). As paisagens em que a ação do homem não se impôs de forma determinante sobre o meio são predominantemente naturais, como as matas fechadas, as cordilheiras montanhosas, os pântanos e brejos de escasso valor econômico. Imbuído destes preceitos, e tendo em conta um roteiro específico de análise, Lamego desenvolverá seus estudos, descrevendo paisagens rurais, urbanas e culturais.

Simon Shama, em sua obra - *Paisagem e Memória* -, revela as paisagens como espaços de experiências sociais (Shama, 1996). Paisagens capazes de suportar a construção do imaginário coletivo, paisagens que são patrimônios públicos, paisagens que contam a história de povos e nações. Shama revela uma profundidade histórica para as paisagens, repletas de significados. Lamego, no seu tempo, procurou nas relações entre o Homem e a Natureza - Brejo, Serra, Guanabara e Restinga – as explicações para a gênese de uma determinada cultura tropical, singular, carioca, fluminense. Vejamos, agora, como caracterizou este olhar:

*O Brejo como Fortuna* - A civilização fluminense para Lamego nasce no Brejo, nos aluviões do Rio Paraíba, terra úmida e fértil, capaz de gerar fortunas para seus senhores impetuosos e destemidos (Franco, 1944). Senhores capazes de domar todas as adversidades tropicais transformando-as em torrões de açúcar, tão apreciado na Europa, assim, o brejo é transformado em fonte de fortuna (Azevedo, 1948). A fortuna erguerá palacetes, usinas e estradas. Do Brejo

florescerá o melhor do Rio de Janeiro, a partir dele será criada uma sociedade próspera capaz de educar seus filhos segundo os maiores padrões do mundo civilizado (Freyre, 1969).

*A Floresta como Obstáculo* - A Serra fluminense não estava desnuda, os intermináveis morros e escarpas estavam cobertos pela selvajaria tropical. O maior obstáculo para o europeu nas terras fluminenses foi a floresta, impenetrável, escura, verdadeiro labirinto verde, fechada nas suas entranhas, repleta de seres rastejantes e insetos infinitos. O chão do seu interior o sol nunca tocava, o caos de lianas, arbustos, troncos e espinhos formavam uma rede que deteve a disseminação da cultura, da civilização por quase trezentos anos. A mata nunca teve valor imediato para os colonos e no início do século XIX, com os plantios de café, que saltam da baixada para a serra, a floresta finalmente será consumida por rolos de fumos e chamas, abrindo espaço para a civilização.

*A Guanabara como Fortaleza* - A Baía de Guanabara é o seio, o abrigo aos infortúnios de uma viagem por demais longa e perigosa. Baía escondida dos navegadores comuns, sua boca é invisível a poucas milhas da linha de costa e está guardada por formidáveis rochedos que se agigantam, projetando-se para o céu. A Guanabara será o ponto de concentração e dispersão da civilização, nestas águas escondidas, abrigariam suas naus os portugueses durante séculos e a partir daqui todo o recôncavo será conquistado. Não há na costa brasileira uma baía com estas mesmas características e com a descoberta do ouro nas Minas Gerais, a Guanabara abrigará a sede do Vice-Reinado. Paradoxalmente, as terras ao redor da Guanabara estão repletas de charcos e pântanos imprestáveis e sobre elas, será construída a cidade do Rio de Janeiro, tarefa civilizacional comparável a dos hábeis venezianos e laboriosos holandeses com a sua Amsterdã. Apesar do meio hostil, o gênio português se enraizará firmemente na

lama, domesticando a terra bárbara que se insurgia contra as arremetidas civilizadoras.

*A Restinga como Semi-deserto* - As restingas formam planícies arenosas, repletas de cactos e matas ressequidas, tortuosas. O solo frágil, levado pelo sabor dos ventos e incapaz de reter a umidade da água não se prestava para o cultivo e a criação de grandes animais (Mello, et al., 2004). Formavam caminhos naturais, paralelos à linha de costa, desde Maricá até a foz do Itabapoana, de largura variável, abrigando no seu interior a Laguna de Araruama de águas hipersalinas. Sal, madeira, charque e couros serão transportados por aqui ligando as áreas produtoras de açúcar no delta do Paraíba com as águas calmas da Baía de Guanabara. A restinga é um caminho semi-desértico que conecta dois pólos civilizacionais. A restinga não significa nada por si mesma, ela apenas conecta, a restinga é uma extensão de solidão, onde pescadores miseráveis e isolados da civilização vivem uma vida rude.

#### **4.1 - Paisagens complexas, múltiplos significados**

Quando Thomas Kuhn escreveu – *A Estrutura das Revoluções Científicas*, afirmou que o principal objetivo da ciência é explicar as relações entre os fenômenos que são observados (Kuhn, 1996). Thomas Kuhn ensina que compreender é explicar. As teorias servem para explicar as relações entre diferentes fenômenos que são observados no Mundo. Como uma grande teia, a teoria envolve determinados elementos e, de alguma forma, os isola e relaciona, permitindo ao cientista recortar pedaços da realidade, fragmentos e partes de uma totalidade muito maior e complexa. Mais ainda, Kuhn desenvolve o conceito de paradigma onde problemas e soluções modelares se encontram e são aceitos por uma comunidade de praticantes de uma determinada ciência.

Para que as teorias possam ser usadas, os cientistas precisam utilizar conceitos comuns, compartilhados. Assim, a utilização de um paradigma comum permite a diferentes cientistas, que pertencem a uma determinada comunidade, desenvolver seus trabalhos a partir de um ponto-de-vista plenamente aceito e comum a todos. É particularmente importante aprofundar esta idéia. Certamente, a física quântica revolucionou o mundo e a ciência de então introduzindo conceitos e formulações inimagináveis no mundo newtoniano. Entretanto, ainda hoje, todos os engenheiros formados nas melhores escolas do mundo, utilizarão conceitos e formulações derivadas a partir das “Leis de Newton” para projetar edifícios, construir túneis ou motores de alta performance. Apesar de existir, o paradigma da física quântica não é necessário e prático para ser utilizado nos problemas comuns do dia a dia, onde as velocidades, as acelerações, são baixas. O aparente paradoxo, que envolve a física e a engenharia, é resolvido pelo caminho da praticidade. É mais prático realizar os cálculos na mecânica comum com os instrumentos desenvolvidos pela física newtoniana.

De um pólo ao outro, é inegável que Alberto Lamego escreveu uma obra de fôlego, em quatro volumes, sobre as relações entre o Homem, a Terra e a Cultura fluminenses, ao longo dos anos 40 do século XX. Lamego irá perseguir a construção de quadros-síntese representativos das paisagens que formam o atual Estado do Rio de Janeiro. As paisagens que Lamego viu e descreveu nos anos 40 são, para muito além de descrições pormenorizadas e detalhadas, construções obtidas a partir de um determinado paradigma, plano, teoria, amplamente baseada nos ensinamentos de Élisée Reclus, que buscava compreender as relações estabelecidas, através da cultura, entre o mundo dos homens e o mundo físico, natural. Porém, Lamego se distancia dos conteúdos críticos e sociais que podem ser tão bem identificados nas obras de Reclus (Reclus, et al., 1908).

Mantidos os devidos cuidados, não é falso afirmar que o paradigma utilizado por Lamego diferencia-se da perspectiva crítica e radical proposta por Reclus. Diante do exposto, cabe perguntar sobre a oportunidade e adequação dos paradigmas para resolver os problemas escolhidos. Se, a preocupação de

Lamego é contra-argumentar os cientistas sociais europeus sobre a impossibilidade do nascimento de uma civilização na América Tropical, todos os esforços serão traçados e realizados neste sentido, assim, as etnias e povos não europeus serão coadjuvantes e não atores principais da narrativa. Para Lamego, a civilização é resultado da adaptação dos europeus aos trópicos, portanto, os povos não europeus, transplantados ou nativos destas terras, são responsáveis por realizações menores. O modelo proposto por Reclus não é utilizado na sua plenitude, na sua total largueza, por Lamego, uma vez que nem todos os aspectos e detalhes do modelo – de fazer Geografia - eram compartilhados por estes dois escritores. Mais ainda, Lamego era conservador enquanto Reclus apoiava causas sociais revolucionárias.

As paisagens de Lamego são, aos olhos de hoje e a partir da abordagem da ecologia de paisagens, construções complexas, que partem da estruturação de feições geológicas, feições geomorfológicas, encerrando em si mesmas um conjunto de possibilidades para os homens: fornecimento de abrigo, alimento, recursos, proteção. A mediação entre esse dois mundos – o natural e o humano – se faz através da cultura. Diferentes culturas, diferentes valores, diferentes tecnologias constroem - para uma mesma unidade territorial - paisagens distintas. Explicando melhor, a Serra, nos anos que antecedem à expansão cafeeira é representada como obstáculo, nos anos posteriores, nas épocas das grandes colheitas representará fortuna e depois com a erosão dos solos e abolição da escravatura significará decadência (Stein, 1961). A mesma Serra significará coisas diferentes em épocas diferentes e mais cada grupo social terá uma visão particular sobre um mesmo ambiente. Floresta pode ter significado resistência para uma nação indígena ameaçada pelo desmatamento, floresta pode ter significado liberdade para uma determinada comunidade quilombola, floresta pode ter significado obstáculo aos plantadores de café do século XIX do Vale do Paraíba e floresta pode ter significado agonia para os escravos que as abatiam a ferro e a fogo, dia após dia. O mesmo bioma com múltiplos significados.

Portanto, as paisagens são interpretações de processos históricos, que se acumulam em mosaicos, em fases superpostas, em significados contraditórios. Paisagens são imagens de processos que podem se perder no tempo. Hoje, os plantadores de café já não estão mais lá, muito menos os povos da floresta mas vestígios, marcas de um passado podem ser descobertos e são estas mesmas marcas, estes mesmos vestígios que poderão ajudar a escrever a história ambiental fluminense. Como numa pintura antiga, os brilhos, os contrastes das paisagens, suas cores e texturas são devoradas e transformadas em outras realidades. As paisagens de Lamego são importantes porque constituem um dos maiores acervos da memória ambiental fluminense (Freitas, 2006).

Cabe perguntar: onde estão as paisagens que Lamego viu? Ou melhor, quais são os significados das paisagens que Lamego viu? Foram perdidos? Os processos sócio-espaciais as transformaram? Certamente.

Talvez a resposta – explicação para Thomas Kuhn - esteja assentada no eixo de análise proposto por Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (Berman, 1987). Berman defende que o espírito da modernidade é caracterizado basicamente pelo clamor desenvolvimentista e revolucionário da sociedade moderna onde a busca contínua do novo leva à destruição das formas e dos processos anteriores. O desenvolvimento acontece de forma dialética, destruindo o antigo para construir o novo pois está dentro do antigo o germe de sua própria destruição. Este turbilhão moderno está solto, avança sobre as regiões, paisagens e territorialidades, transformando-as radicalmente (Santos, 1979).

Outra resposta possível – explicação possível - pode estar assentada no eixo de análise defendido pelos historiadores ambientais onde a decadência de uma determinada civilização possa ser explicada por um fenômeno ambiental, uma crise ambiental. A erosão dos solos explicaria o desaparecimento da cultura do café no Vale do Paraíba (Barros, 1961), seria este um elemento determinante para o esgotamento das terras? Esta linha de análise mostra-se poderosa e,

usando o princípio da analogia, enquanto os cafezais praticamente desapareceram da Serra, os canaviais ainda podem ser vistos nos solos úmidos e férteis do Delta do Paraíba nos dias de hoje. Aqui aparece um elemento chave de explicação para a história ambiental – o esgotamento rápido dos solos, através da erosão, provocando o declínio das plantações, ruínas das receitas e colapso do sistema cafeicultor do Vale do Paraíba no final do século XIX (Miller, 2007).

## V – AS PAISAGENS DE ALBERTO LAMEGO AINDA EXISTEM?

A partir do quadro síntese apresentado no capítulo anterior, algumas questões importantes podem ser formuladas: os regionalismos buscados sistematicamente nas paisagens descritas por Lamego nos seus livros são de fato observáveis, reais e plausíveis nos dias de hoje? Qual o impacto da urbanização no processo de descaracterização das paisagens e memórias fluminenses enunciadas por Lamego? Qual o impacto das transformações sócio-espaciais verificadas nos últimos cinquenta anos sobre as paisagens e as memórias fluminenses?

A memória fluminense, resgatada e interpretada por Lamego está concentrada na análise de ciclos econômicos que hoje respondem por muito pouco do produto interno bruto do Estado do Rio de Janeiro. Ouro, café e cana-de-açúcar como símbolos da riqueza e motores explicativos das relações entre o Homem e a Natureza foram substituídos por petróleo, indústrias, comércio e serviços. O campo, nestes cinquenta anos, cede espaço para as cidades que ficam imensas, partidas (Santos, 1994). Diante destes novos processos, as memórias profundas, arquetípicas, que acompanharam a formação do Brasil por mais de trezentos e cinquenta anos estão em vias de extinção? Existe uma crise das nossas paisagens? Existe uma crise das nossas memórias? Qual o verdadeiro significado da obra de Lamego nos dias atuais? (Catri, et al., 1992).

Com o objetivo de tentar responder estas questões, foi elaborado um roteiro analítico desenvolvido a partir de um método de análise de paisagens proposto por Fernando González Bernáldez. O roteiro, composto por seis passos de questões inter-relacionadas, cumpre a finalidade de construção de um fio condutor que auxilie o trabalho de análise das paisagens descritas nos *setores da evolução fluminense* (Bernáldez, 1981).

O primeiro passo, deste roteiro, busca identificar os aspectos estruturais da paisagem, o segundo aponta para a busca dos fatores que tornam uma determinada paisagem singular, o terceiro ponto procura identificar os processos históricos que explicam a sua gênese e evolução, o quarto tenta descobrir diferentes percepções que os grupos de trabalho possuem em relação a uma determinada paisagem, o quinto passo pretende identificar se existem ou não tensões internas capazes de transformar uma paisagem, o sexto e último passo remete para a identificação de forças e processos externos, a uma determinada paisagem, capazes de reestruturá-la.

Ao longo das próximas páginas buscar-se-á responder uma série de questões formuladas com o objetivo de ajudar a responder a questão maior que é objeto deste capítulo: As paisagens fluminenses de Alberto Lamago ainda existem?

#### **4.1 - Elementos estruturais**

Com o objetivo de identificar os elementos estruturais das paisagens descritas por Lamago cabe perguntar: por que as paisagens de Lamago são assim? Quais são as estruturas responsáveis por sua manutenção? Quais os elementos que a caracterizam e quais suas qualidades específicas? Que interações estabelecem?

As quatro paisagens de Lamago estão assentadas em estruturas geológicas, unidades geomorfológicas: o Brejo, a Restinga, a Serra e a Baía (de Guanabara). Portanto, a estrutura central da paisagem se forma no tempo profundo, geológico, e está condicionada pelos ciclos longos, onde forças lentas agem por períodos que transcendem a escala humana (Whitrow, 2005). Não se pode esquecer que Lamago formou-se em Londres, no início do século XX,

quando a idéia do uniformitarismo (Hutton, 2008), desenvolvida inicialmente por James Hutton e depois pelo geólogo Charles Lyell, era amplamente difundida (Lyell, 1990). Para eles, os acontecimentos do passado são resultado de forças da natureza idênticas às que se observam hoje em dia e a evolução se faz através de acontecimentos baseados em processos lentos e graduais. O evolucionismo de Charles Darwin está baseado nestas mesmas premissas (Darwin, 1993) e é bom não esquecer que a coleção dos quatro títulos publicados por Alberto Lamego utiliza a expressão *os setores da evolução fluminense*.

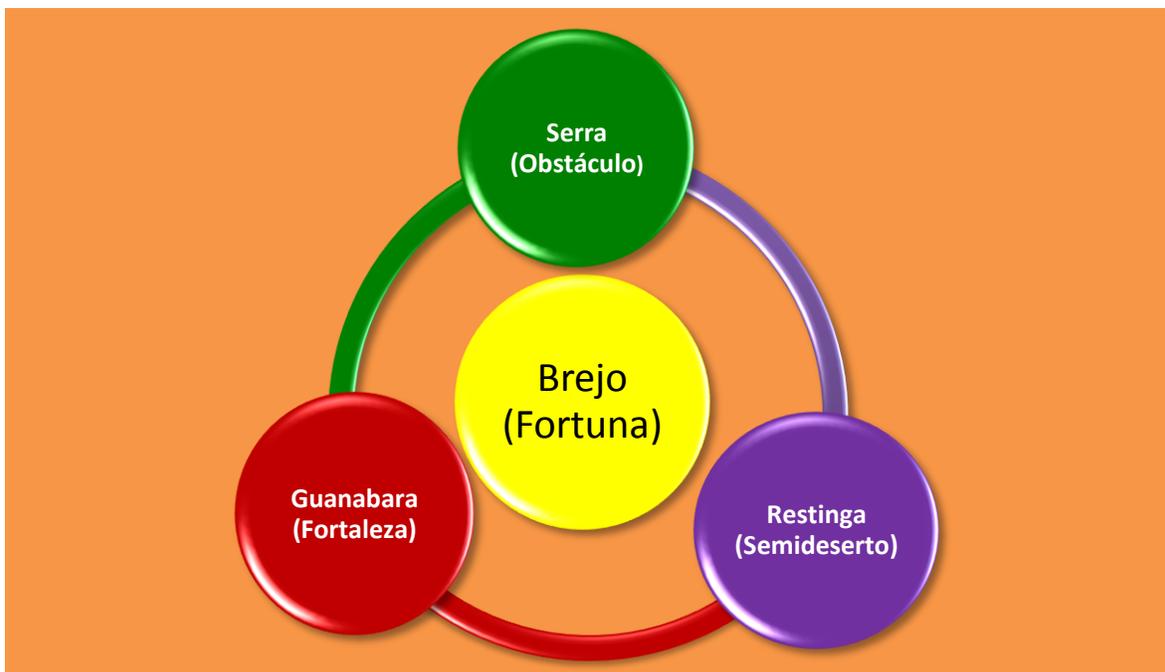
Se as estruturas que suportam as paisagens de Lamego são profundas, perdem-se na vastidão do tempo geológico, os elementos que atuam sobre elas e as ajudam a construir suas características finais possuem escala humana.

Sobre as estruturas geológicas o Homem travará uma luta contra os elementos, usando sua força e energia para domá-los. Esta segunda idéia parece remeter para um quadro geral de referência da época onde as afirmações e conclusões de Darwin avançavam sobre os homens, criando-se uma teoria social evolucionista do mundo. Herbert Spencer popularizou a idéia de que grupos e sociedades evoluem através do conflito e da competição (Spencer, 2000).

Para Lamego, os grupos sociais são elementos – o índio, o vaqueiro, o fazendeiro, o pescador etc. cada qual portador de uma psicologia própria, uma cultura própria, que entraram em conflito, disputas e sucessões. As características do meio em parte explicariam a pobreza e a falta de civilidade dos pescadores isolados nas restingas sugerindo, talvez, que aquele estado de pobreza recaia sobre os menos aptos. Já os mais ricos, fazendeiros e grandes proprietários de terras evoluíram economicamente, tendo à sua disposição o braço do escravo negro disponível para as tarefas mais duras e pesadas. A civilização brota da fortuna gerada pela cana-de-açúcar, plantada na lama dos aluviões.

A seguir, apresentamos uma visão esquemática da visão de Lamego sobre o Estado do Rio de Janeiro e suas quatro paisagens com o objetivo de simplificar as

relações estabelecidas pelas unidades, que foram originalmente descritas separadamente.



**Figura 3 - Esquema conceitual da visão das paisagens descritas por Alberto Lamago na série os setores da evolução fluminense 1946 a 1950.**

Neste esquema, as regiões de Lamago interagem entre si, na parte central está o brejo, unidade da geração da fortuna e da civilização; na Guanabara, encontram-se os elementos de segurança e fundação do processo de colonização – as águas abrigadas da Baía de Guanabara; no outro flanco, a restinga, semidesértica impõe restrições à ocupação devido aos seus solos estéreis para a agricultura dos primeiros tempos; e, por fim, a Serra, como obstáculo, que será definitivamente vencida com a cultura do café, que promoveu a derrubada das suas matas e erosão dos solos.

Alberto Lamago buscou construir a Geografia Fluminense a partir da análise de quatro paisagens, quatro unidades territoriais fundamentais, que foram,

ao longo dos séculos, unindo-se, somando-se umas às outras, num mosaico que deu sustentação ao processo de construção da civilização fluminense.

No Brejo, encontram-se os elementos formadores que comporiam a paisagem ancestral fluminense, paisagem construída, paisagem humanizada – o canavial. Plantado nas terras úmidas e férteis do baixo do Paraíba, com suas fazendas prósperas, gerador de fortuna para seus senhores. A riqueza campista formará o alicerce da evolução fluminense na concepção de Alberto Lamego.

Ao redor desta paisagem ancestral, formando um enorme semi-círculo, desde a divisa do Espírito Santo até Maricá, uma paisagem árida, um mar de areia, prestava-se mal para a criação extensiva de pequenos animais, palco de abertura de caminhos, a construção de entrepostos comerciais e fortificações junto ao litoral, formava-se a Restinga.

Isolada por maciços e montanhas é descrita a Guanabara, encravada na franja estreita de terras que circundam as águas da Baía de Guanabara, Baía de Sepetiba e as águas da Baía da Ilha Grande. Abrigada por paredões rochosos e com uma boca estreita, a vasta região da Guanabara subdividia-se em duas unidades: uma aberta e a outra fechada. A primeira estava voltada para dentro de si mesma, impenetrável por todos os lados, o sítio por excelência da fortaleza, a Baía de Guanabara propriamente dita, elemento central para concentrar e escoar as riquezas da terra para a coroa – aqui será erguido o porto, a cidade, a capital. A outra unidade da macro-região da Guanabara, a oeste, estava aberta, voltada para o Mar e ao mesmo tempo separada do interior por uma muralha – a Serra do Mar. Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati, espalhadas ao longo de um imenso arco, vigiavam as águas e serviam de pontos de apoio para a investida contra a cordilheira marítima. Após a linha de cumeada, na direção do imenso sertão, para além destas três paisagens primordiais estava a Serra, a fronteira exterior das terras fluminenses, povoada por incontáveis morros, coberta por densas florestas, a Serra só viria a ser conquistada e definitivamente integrada às outras paisagens somente ao longo do século XIX, com a expansão da cultura do café.

## 4.2 - Em busca de singularidades

A questão clássica na Geografia, a da diferenciação das paisagens – e retomada por Lamego que ao construir cada paisagem, isolando-a de um conjunto maior, identifica os fatores que são responsáveis pela sua diferença em relação às paisagens vizinhas.

Para responder esta questão, a partir do olhar de Lamego, é preciso recuar no tempo e buscar as influências recebidas e a cadeia de conceitos que se estabeleceu entre Lamego, Paul Vidal de La Blache e Élisée Reclus - estes últimos citados na bibliografia dos quatro volumes dos setores da evolução fluminense.

A diferenciação de áreas foi o objeto central de análise de Hartshorne (Corrêa, 1986). Para Hartshorne, o espaço é apenas um receptáculo que contém as coisas e a regionalização é o processo que associa ao espaço um conjunto ideográfico de elementos e fenômenos que se combinam, de forma única, formando uma determinada região. Nas palavras de Ruy Moreira, a diferenciação de áreas possui uma longa tradição que remonta ao século XVI mas que encontra em Hettner o esteio original de sua formulação, assim,

...a tomarmos Hartshorne por base, reportando a Hettner, diferença na geografia é diferenciação. Formulação criada por Hettner por volta de 1905, a diferenciação de áreas, no sentido de regiões, é uma reafirmação da tradição que remonta à “geografia especial”, de Varenius, século XVI, e desemboca no século XVIII-XIX na teoria regional de Kant-Ritter e no século XIX-XX na geografia regional de La Blache...” (Moreira, 1999).

Ritter, contemporâneo e colaborador de Humboldt, anunciava, ainda no século XVIII, o princípio da analogia que visava comparar diversas paisagens da Terra, chamando atenção para as suas semelhanças e diferenças. Inspirado neste modelo, Hettner, apoiado em Kant - que dividia as ciências em duas categorias: *Ciências Nomotéticas*, aplicáveis aos fenômenos regidos por leis gerais aplicáveis aos fenômenos da Natureza e *Ciências Ideográficas*, aplicáveis aos fenômenos individualizados, fenômenos humanos - formularia o conceito de região: porção do globo formada a partir de uma síntese única do mundo (Morais, 1989). Aqui, na região, os fenômenos nomotéticos e idiográficos se encontram e formam um arranjo particular (Hettner, 1972).

Paul Vidal de La Blache defendia a tese que a Geografia é a ciência dos lugares enquanto a sociologia seria a ciência dos homens, conforme anunciava seu contemporâneo Émile Durkheim (Durkheim, 1968). Para La Blache, influenciado pelos geógrafos alemães, notadamente Friedrich Ratzel (Flint, 2004), o estado deveria planejar o espaço geográfico levando em consideração os fatores naturais e oportunidades presentes no território. O homem, através do seu conhecimento, da sua cultura seria capaz de modificar a natureza e vencer os obstáculos naturais. La Blache defende a idéia de que um estado soberano tem possibilidade de promover o desenvolvimento econômico de uma região, melhorando o padrão de vida de seus habitantes. Estas idéias ganham especial destaque no livro *La France de l'Est* referindo-se aos territórios da Alsácia - Lorena (La Blache, 1918). A tese sobre a importância do estado como promotor do desenvolvimento econômico de uma região parece ser compartilhada também por Reclus e Lamago, como será visto adiante.

Élisée Reclus concluiu seus estudos em Berlim onde conheceu e teve aulas com Carl Ritter. Manuel Correia de Andrade escreveu um livro sobre a vida e obra de Élisée Reclus (Andrade, 1985). Neste livro, só pela ordem dos capítulos, apresentado no sumário, percebe-se o panorama e a largueza de assuntos tratados ao longo de sua obra. Na primeira parte, intitulada *A Natureza da Geografia* são apresentados três capítulos: O

*homem é a natureza adquirindo consciência de si própria; A ação do homem como modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza; e A complexidade da produção do espaço geográfico.* Até este ponto, parece haver uma convergência de pensamentos e ação entre Lamego e Reclus.

Quando a leitura da segunda parte do livro se inicia, percebe-se um distanciamento relativo entre os autores. A segunda parte contém o seguinte título: *A origem da família, do estado e da propriedade* subdividida nos seguintes capítulos: *Origem da família, das classes sociais e do Estado; A propriedade e a exploração da Terra* e, finalmente, *Evolução da sociedade e da civilização*. Lamego evita o caminho crítico adotado por Reclus, adotando outra abordagem. Quando descreve as relações entre o Homem e o Meio, são dissolvidas, em parte, as tensões e os possíveis conflitos entre diferentes grupos sociais, uma vez que as análises entre o homem e o meio são realizadas através de tipologias reducionistas tais como o Brejo e o Índio, o Brejo e o Pioneiro, o Brejo e o Vaqueiro e o Brejo e o Lavrador.

Lamego construirá sua obra a partir das diferenças que cada região mantinha umas com as outras. Brejo, Restinga, Serra e Guanabara (unidade que incluía as Baías de Guanabara, Sepetiba e Ilha Grande) são feições muito distintas entre si, com possibilidades de uso do solo também distintas. Assim, à luz das características do meio, Lamego buscará compreender como as particularidades, as singularidades de cada paisagem, de cada região, dificultou ou facilitou o florescimento de uma civilização nos trópicos. Esta orientação é o fio condutor das suas obras. Lamego discutirá em diferentes situações as possibilidades de construção de uma civilização próspera e dinâmica, regida pela técnica e ciência, transformando as adversidades em riqueza e fortuna. Logo na introdução do primeiro livro da série, *O Homem e o Brejo*, pode-se ler:

*O alvo deste ensaio é duplo: expor a vitoriosa tenacidade de um grupo étnico brasileiro sobre o meio hostil, o que desmente a apregoada inadaptabilidade do europeu aos trópicos com culturas excepcionais, e mostrá-lo em plena fartura por ele mesmo criada... (Lamego, 1946).*

### **4.3 - Aspectos históricos recentes**

O aspecto histórico recente que muda radicalmente o processo até então descrito por Lamego para a formação das paisagens fluminenses é o da urbanização. De meados da década de 40 do século XX até os dias atuais, a população do Estado passa a ser majoritariamente urbana. O sistema de monitoramento por satélites realizado pela Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, aponta para o Estado do Rio de Janeiro uma densidade populacional de 9.339,3 habitantes por quilômetro quadrado efetivamente urbanizado de área (Miranda, et al., 2005). Portanto, em menos de 4% do território do Estado do Rio de Janeiro concentram-se mais de 97% da população.

O primeiro cenário que pode ser construído a partir dos dados acima é o do *esvaziamento das paisagens*. Se os homens deixaram o campo e concentram-se de forma inexorável nas cidades, as paisagens descritas por Lamego esvaziam-se de gente e significado, uma vez que as inter-relações entre os homens e a natureza não se processam mais como nos anos 40 do século XX. As paisagens baseadas em fundamentos rurais tornam-se esmaecidas para os habitantes cada vez mais urbanizados e concentrados em determinados pontos do território, perdem o vigor, começam a desaparecer. A rede de significados das relações mantidas entre o homem e a natureza transforma-se em sombras e caminham para o esquecimento (Martins, 1979).

Se a paisagem esvazia, torna-se necessária uma mudança de método de trabalho, uma vez que o objeto de análise desmancha-se, fragmenta-se. Como as paisagens descritas por Lamego começam a desaparecer – caso exemplar são as

paisagens do ciclo do café do Vale do Paraíba – provavelmente haverá interesse crescente dos pesquisadores que fazem História Ambiental de aproximarem-se dos métodos e técnicas que estão sendo propostos pelos arqueólogos de paisagens (Ucko, et al., 1999). Assim, a

*A Arqueologia da Paisagem surge com o objetivo de estudar um tipo específico do produto humano (a paisagem), que usa uma dada realidade (o espaço físico) para criar uma nova realidade (o espaço social: humanizado, econômico, agrário, habitacional, político, territorial, etc.) por meio da aplicação de uma ordenação imaginada (espaço simbólico: na qual [sic] é sentido, percebido, pensado, etc). Esta concepção supõe que a dimensão simbólica forma uma parte essencial da paisagem social e que, portanto, é um entendimento integral que deve ser levado em conta (Criado, et al., 1997).*

#### **4.4 - Percepções diferentes de uma mesma paisagem**

Lamego escreveu suas obras numa época em que o Estado do Rio de Janeiro tinha a maior parcela da sua população morando no campo, era jovem, com parcela significativa de analfabetos. A construção da civilização fluminense foi explicada pela história dos ciclos econômicos da cana, do ouro e do café e, acima de tudo, nossas paisagens foram moldadas, segundo o autor, pelo caráter e determinação do europeu em domesticar o mundo selvagem. As paisagens que Lamego descreve são, hoje, quase todas paisagens vazias – como será discutido a frente - degradadas ou profundamente alteradas.

Existem nestas paisagens atores em vias de extinção ou referências àqueles já extintos. As vozes destes atores, praticamente, já não podem ser percebidas. Esta regra aplica-se a praticamente a todos os povos pré-colombianos que habitavam os brejos, as serras, as restingas e as florestas.

Entretanto, existem comunidades isoladas, cada vez mais ameaçadas pelos processos de urbanização e incorporação de terras ao processo de expansão das cidades.

*As comunidades litorâneas – os caiçaras.* A palavra é de origem tupi e refere-se aos habitantes das zonas litorâneas. Lamego Filho descreve um tipo particular de caiçara, o "*muxuango*" como sendo

*...um tipo rústico da planície de restingas, encontradiço entre a população rural da costa e da baixada fluminense. O "muxuango" vive disperso, tanto nos areas que cobrem o trecho costeiro situado aquém e além da foz do Paraíba do Sul (Lamego Filho, 1934).*

Em geral o "*muxuango*" é um sitiante que dispõe de um sítio, com terras pobres sob o ponto de vista agrícola que suporta apenas o cultivo de abóboras e mandiocas. O "*muxuango*" completa sua dieta através da pesca e caça nas lagoas e com a criação em pequena escala.

Os caiçaras designavam inicialmente apenas a indivíduos que viviam da pesca de subsistência, mas modernamente a acepção da palavra expandiu-se e passou a designar os moradores de zonas costeiras no Brasil (Diegues, et al., 1994). As comunidades caiçaras nasceram a partir do século XVI da miscigenação de brancos de origem portuguesa com grupos indígenas das regiões litorâneas. Também houve o aporte de negros libertos que se afastaram das influências das áreas urbanas (cidades e vilas).

*As vozes do silêncio - os povos da mata.* Os habitantes que os colonizadores europeus primeiro encontraram foram os Tupinambás, da grande família Tupi, espalhados, aos milhares, por todas as regiões florestadas do atual Estado do Rio de Janeiro. Os povos da família Tupi e os da família Puri foram exterminados mas contribuíram decisivamente, para a formação étnica do povo fluminense. Existem registros de pelo menos vinte idiomas diferentes nesta região e da prática da agricultura –

cultivo da mandioca, abóbora, amendoim, feijão, pimenta, tabaco e árvores frutíferas. Fabricavam redes com o algodão que plantavam e teciam. Previam as chuvas e as grandes marés, conheciam as relações entre os seres no meio ambiente, as propriedades medicinais dos vegetais e selecionavam sementes para a melhoria das espécies. “Classificaram o mundo natural, com o rigor equivalente ao realizado pelos europeus nos campos da Biologia, Botânica e Zoologia” (Freire, et al., 1997).

Os Goitacá - da família Puri, na região do hoje município de Campos, foram descritos por Lamego como exímios nadadores, habilíssimos na corrida e na utilização do arco e flecha. Acabaram sendo exterminados sem deixar vestígio escrito de qualquer palavra de seu idioma, assim como aconteceu com os Guarulho, também da família Puri. Registrados foram os idiomas dos Coroados, Coropó e Puri. Habitando o interior, em local de difícil acesso, não tiveram contato permanente com o colonizador até o século XVIII. Alguns desses grupos só foram contatados no século XIX e, como os demais, não resistiram ao avanço da colonização.

*O Recôncavo da Guanabara, onde floresciam dezenas de aldeias indígenas, foi rapidamente retalhado em sesmarias e começou a ser ocupado por engenhos desde meados do século XVI. Com a fundação da vila de São Sebastião do Rio de Janeiro, vastas sesmarias foram concedidas para a constituição do patrimônio da cidade, incluindo parte da Baía de Guanabara e adjacências. Para fora do núcleo urbano, estendia-se uma zona agrícola e pastoril, com lavouras, engenhos e campos de pastagem... no final do século, além das sesmarias concedidas a particulares, três dos quatros morros que marcariam os limites do centro urbano do Rio de Janeiro já estavam ocupados: o do Castelo, pelos jesuítas; o de São Bento, pelos beneditinos e o de Santo Antonio, pelos franciscanos, pouco sobrando das antigas aldeias (Freire, et al., 1997).*

Os Tamoio ou Tupinambá (Família Tupi), que ocupavam a região do Rio de Janeiro até Ubatuba, grandes guerreiros, formaram uma confederação de tribos, a Confederação dos Tamoios que, aliada aos franceses durante dez anos (1555-1565), ameaçaram o povoamento português das capitanias do sul. Os franceses foram expulsos e os índios Tupinambá tiveram suas aldeias destruídas e suas terras ocupadas e distribuídas entre portugueses. Os que conseguiram sobreviver, fugiram para além da Serra do Mar. Apesar de aliados, foram sendo progressivamente expulsos da região das baixadas litorâneas pelos próprios colonos portugueses. Seus últimos remanescentes sobreviveram em grande miséria até o século XIX, na aldeia de São Lourenço.

*As comunidades quilombolas.* Há notícias da existência de ao menos 15 comunidades quilombolas no Estado do Rio de Janeiro. Aproximadamente metade delas está localizada na região litorânea do Estado, nos municípios de Búzios, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro, Mangaratiba, Angra dos Reis e Paraty. As demais comunidades estão localizadas no interior no Estado, nos municípios de Quissamã, Vassouras, Valença, Quatis e Rio Claro (Gomes, 2006).

*As vozes da cidade.* A cidade do Rio de Janeiro nestes últimos sessenta anos ficou imensa, milhões de pessoas ocupam praticamente todas as terras baixas drenadas no entorno da Baía de Guanabara e a ocupação também avança sobre as colinas, encostas, a cidade transborda (Carlos, et al., 2003).

Nas baixadas litorâneas o processo também foi intenso, salinas e restingas cederam espaço para novos condomínios, bairros pobres, favelas (Botelho, 2007). Segundo o IBGE, o Estado do Rio de Janeiro possui uma população de aproximadamente 15 milhões de pessoas, com densidade demográfica de 356,1

habitantes por quilômetro quadrado e população urbana com 97%. Desse total, somente 61,71% da população recebe o serviço de esgoto e 10% da população ainda não conta com coleta de lixo<sup>3</sup>.

Problemas ambientais somam-se no ambiente urbano: assoreamento de corpos d'água, contaminação do lençol freático por águas servidas, poluição atmosférica provocada por milhões de veículos automotores que circulam por ruas cada vez mais congestionadas, as mega-cidades agonizam lentamente (Schivartche, et al., 2005).

Neste ambiente caótico, complexo, nesta paisagem intensamente alterada as vozes humanas perdem-se, diluem-se numa sinfonia de ruídos nas palavras de Edgar Morin, tem-se aqui a máxima expressão do *princípio da imposição* (Morin, 2003).

## 2.5 - Tensões internas

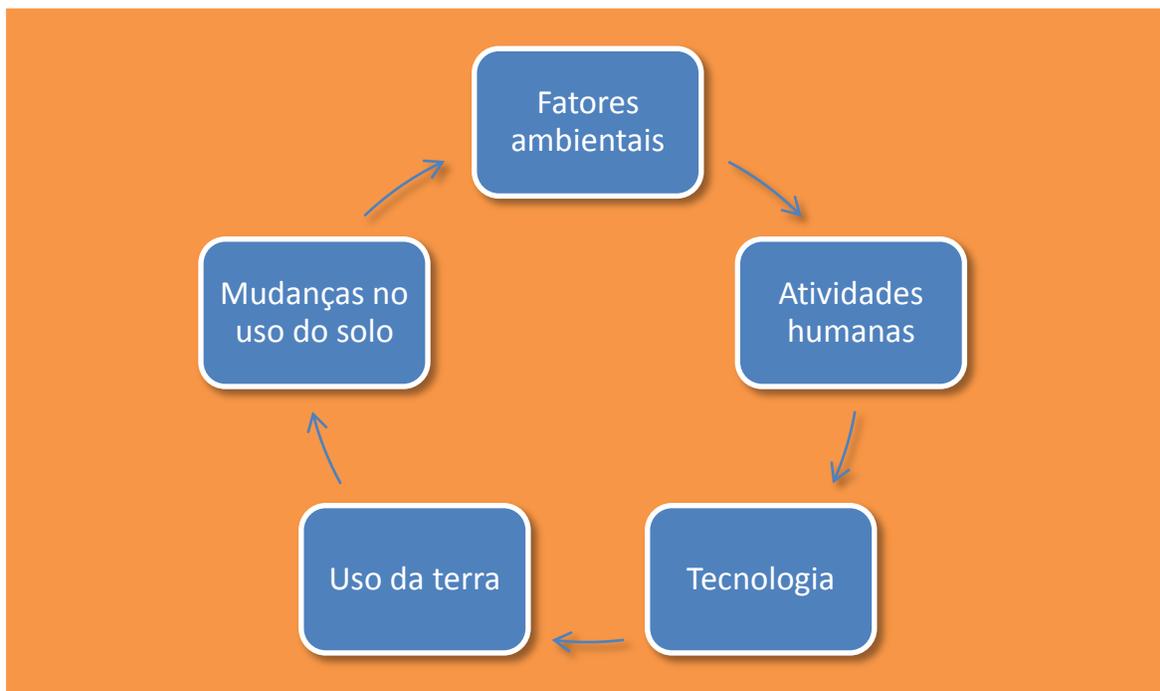
David Drew apresenta um modelo analítico bastante simples como base para uma resposta à identificações de tensões internas de um sistema (Drew, 1986). A figura 2, a seguir, representa um ciclo de inter-relações que se retroalimentam continuamente, onde os fatores ambientais (relevo, solos, clima, vegetação, minerais, água etc.) influenciam os fatores humanos (demografia, economia, cultura, história social, pessoal etc.). Desta influência inicial, surgem possibilidades de utilização de tecnologias sobre o uso da terra, a qual Drew dá o nome de *decisão* (arado, drenagem de pântanos, queimadas de florestas etc.). A aplicação destas tecnologias sobre a terra provoca mudanças no uso do solo

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br> data de acesso: 12 de maio de 2008.

(erosão, compactação, desflorestamento, impermeabilização, etc.) que ocasionam alteração nos padrões anteriores registrados para os fatores ambientais (elevação ou diminuição do albedo, infiltração de águas das chuvas nos solos, recarga do lençol freático etc.).

Quando um segundo ciclo é iniciado, os fatores ambientais já não são idênticos aos do primeiro ciclo, assim, toda a cadeia seguinte será retroalimentada positivamente ou negativamente ocasionando a restauração do equilíbrio no mesmo nível do padrão anterior ou, todo o conjunto encontrará um novo padrão de equilíbrio, num nível sub-clímax ao anterior (Bertalanffy, 1975).



**Figura 4 – Ciclo de inter-relações proposto por David Drew.**

Aplicando estes modelos de análise ao Brejo, à Guanabara, à Serra e à Restinga, percebe-se que todas estas regiões estão submetidas a alterações quer positivas, quer negativas. Extenso estudo sobre o padrão de uso do solo foi

realizado pela Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (CIDE, 2003).

Interpretando imagens de satélite na escala de 1: 50.000, foram identificados padrões espaciais de uso do solo. Grosso modo, dois fenômenos explicam os atuais padrões de uso e ocupação do solo: urbanização e decadência da agricultura. Nos municípios serranos do Noroeste Fluminense existem extensas pastagens que rodeiam “ilhas” de mata secundária localizadas nas partes mais altas das colinas e escarpas. Aqui, as plantações foram substituídas por pastos, a maioria degradados (Ab'Sáber, 1977). Na porção centro-sul fluminense da Região Serrana existem processos claros de recuperação da vegetal florestal, que se encontra em diferentes estágios de sucessão. As áreas de recuperação estão voltadas para o sul, em geral, e recebem influências diretas das massas de ar úmidas que chegam do litoral (Ehlers, et al., 2003). As restingas do estado estão praticamente urbanizadas, exceções para as de Marambaia – área militar - e Jurubatiba, a nordeste da cidade de Macaé. As regiões úmidas e férteis do Delta do Paraíba continuam cobertas por canaviais. A Guanabara apresenta dois setores muito distintos: a região da baía está fortemente urbanizada – cerca de 50% ou mais das superfícies dos municípios desta região estão urbanizadas, já a segunda porção, composta pelos municípios de Paraty, Angra dos Reis e Mangaratiba apresentam elevados estoques de florestas.

## **2.6 - Influências externas – a globalização**

A globalização talvez seja o principal vetor de reestruturação das paisagens ao redor do mundo. No Estado do Rio de Janeiro alguns desdobramentos conseqüentes desse processo podem ser percebidos. A concentração urbana, a preponderância urbana sobre o território é marca indelével deste processo.

Outra característica é a homogeneização dos centros urbanos que, guardando suas devidas proporções assemelham-se cada vez mais nas formas, nos processos, nas estruturas e nas funções culminado num processo de hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa universal (Roca, 2007).

Ameaças à singularidade paisagística e à identidade territorial são objetos de estudo de diversos autores, dentre eles destacam-se: Georges Benko (Benko, 2000), Denis Cosgrove (Cosgrove, 1998), Milton Santos (Santos, et al., 1994), Rogério Haesbaert (Haesbaert, 2001) e David Harvey (Harvey, 2003). Sob diferentes olhares e abordagens, estes autores estudam os efeitos da globalização sob diferentes ambientes, cotejando os processos de destruição com os de conservação dos recursos e paisagens. Se os processos engendrados pela globalização provocam a degradação das paisagens singulares, tornando-as homogêneas, as novas identidades nacionais poderiam estar associadas ao processo de recuperação dos recursos e paisagens em vias de descaracterização.

A descaracterização das singularidades poderá inspirar os movimentos e processos de revalorização dos recursos e paisagens perdidos ou degradados. O processo de globalização promove, ao mesmo tempo, conflitos e sinergias entre a economia mundo e a gestão dos recursos naturais locais.

Os efeitos da globalização sobre as sociedades locais também são discutidos e freqüentemente analisados a partir de pares de opostos: inovação social versus estagnação; segregação, marginalização e exclusão versus coesão, integração e inclusão; falta de conhecimento e qualificação versus promoção de conhecimentos e qualificação; assistencialismo versus espírito empreendedor; envelhecimento versus rejuvenescimento da população; consumismo versus consciência ambiental; crises sociais versus sinergias sociais.

## VI – A IMPORTÂNCIA DE LAMEGO PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL FLUMINENSE

### 5.1 – O lugar da natureza na história

A história ambiental é um campo do conhecimento que vem sendo construído há cerca de quinze anos, ligando a história natural à história social. Segundo Donald Worster,

*...até pouco tempo, o assunto tradicionalmente importante para os historiadores era a política e, conseqüentemente, seu único campo de interesse era o Estado nacional. Ou seja, a história sempre dedicou sua atenção a temas relacionados com o funcionamento das instituições formadoras dos Estados nacionais. Mas, há algum tempo esse conceito da história começou a perder terreno, na medida em que o mundo evoluía para um ponto de vista “mais global”. Os historiadores começaram a abandonar um pouco da sua certeza de que o passado tenha sido tão integralmente controlado ou representado por alguns poucos homens ou determinado tão somente por interesses dos Estados. Os estudiosos começaram a desenterrar camadas longamente submersas das vidas e pensamentos das pessoas comuns, e tentaram reconceituar a história “de baixo para cima” valorizando o estudo do cotidiano e suas relações, destacando assim conceitos como “território” e “territorialidades”, enfim, aproximando-se de categorias até hoje tão próprias da geografia (Worster, 1988).*

Na verdade, a História ambiental é uma disciplina um tanto quanto nova, se comparada a outras disciplinas. Praticada principalmente nos EUA, Austrália e em alguns outros países de língua inglesa, ela nasce a partir do interesse e dos trabalhos de pesquisa de uma pequena comunidade acadêmica, formada principalmente por historiadores e biólogos, vindos de diferentes temas e especialidades. Dentre os principais nomes da História ambiental atual, podem ser citados os pesquisadores William Cronon (Cronon, 1997), Richard White (White,

1981), Stephen Pyne (Pyne, 1998), Warren Dean (Dean, 1992) e (Dean, et al., 1997), Alfred Crosby (Crosby, 2003), Frederick Turner (Turner, 1996), Roderick Nash (Nash, 1989), Samuel Hays (Hays, et al., 1998) e Richard Tucker (Tucker, et al., 1983).

William Cronon é historiador e pesquisador em História do Oeste Americano e História Ambiental Americana. Seus trabalhos como historiador ambiental visam o entendimento das relações entre a história humana e o meio natural, aprofundando-se nos estudos de como os seres humanos modificam a paisagem que habitam e como a percepção de natureza dessas populações molda essas relações com o entorno.

Donald Worster, professor de história da Universidade do Kansas, é outro dos maiores pesquisadores em História Ambiental no mundo. Dentre as principais obras desse autor, destacam-se *Nature's Economy* (Worster, 1977) e *The ends of the Earth* (Worster, 1988), tendo sido, no Brasil, traduzido o trecho *Doing Environmental History*, por José Augusto Drummond. (Drummond, 1997)

Esses pesquisadores se organizaram em uma associação profissional, chamada *American Society for Environmental History*, e que publica um periódico, conhecido como *Environmental History*. Segundo palavras do próprio William Cronon, esse grupo de pesquisadores tem por objetivo principal “colocar a natureza na história” (Drummond, 1997).

A proposta básica desses pesquisadores é (acordando com aquilo que os geógrafos postulam há tanto tempo) tornar possível a construção de uma história interessada em tratar do papel e do lugar na natureza na vida humana. Com isso, rejeita a premissa de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, sem cair, no entanto, nos exageros do determinismo ambiental (Worster, 1991).

Ou seja, a História Ambiental relaciona a história natural e social, lembrando que a natureza, o meio ambiente tem uma grande importância sobre a evolução das sociedades. É uma “nova” forma de se estudar as relações entre homens e natureza, que considera a terra (o meio ambiente) como um agente e uma presença na história do homem, servindo ainda uma análise mais global (e útil), na medida em que é certo que os fenômenos que acontecem no meio ambiente não ficam restritos às fronteiras dos Estados nacionais. A História Ambiental deseja ainda aprofundar o nosso conhecimento de como os seres humanos foram afetados pelo seu ambiente natural e também, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados. Para tal entendimento, do ponto de vista metodológico, a história ambiental se realiza em três conjuntos de questões.

O primeiro nível de entendimento trata da natureza propriamente dita. Esse nível é construído pelos estudos de como a natureza funciona e de como se organizou e funcionou no passado, do ponto de vista “físico”, “biológico”, “natural”.

O segundo nível trata das relações entre o domínio sócio-econômico e o ambiente. São estudadas aqui as ferramentas de trabalho, os modos de produção, as relações sociais, as instituições e as decisões políticas que afetam direta ou indiretamente determinada área. Enfim, preocupa-se, este nível de questões com as relações sócio-econômicas, legais e políticas. Ainda neste nível, cabe ao historiador ambiental pesquisar que papel a natureza teve na moldagem dos métodos produtivos e vice-versa, ou seja, que impactos esses métodos causaram à natureza.

Num terceiro nível de questões, o historiador ambiental irá analisar interações exclusivas do ser humano. É um nível puramente mental ou intelectual, onde percepções, valores éticos e mitos, entre outros, passam a fazer parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza. Estabelece-se aqui a relação entre “paisagem e memória” - hoje tão cara aos geógrafos culturais (Freitas, 2006).

A partir dos três níveis de análise proposto pelos historiadores ambientais, a saber: o conhecimento da natureza propriamente dita, a identificação do domínio sócio-econômico estabelecido numa determinada região e finalmente a interpretação das percepções e valores éticos de uma determinada comunidade com o ambiente, cabe indagar: como Lamego percebeu, por exemplo os impactos sociais e ambientais no Brejo e na Serra? Qual foi a sua percepção dos processos e das conseqüências ambientais promovidas pelos ciclos econômicos da cana e do café, tão minuciosamente descritos por ele nos quatro livros que compõem a série de evolução dos setores fluminenses? Com esta orientação e rumos traçados, procuraremos ao longo das duas próximas seções analisar, a título de exercício, dois importantes impactos não destacados por Lamego nas suas obras: a erosão dos solos no Vale do Paraíba – promovida pela introdução do café, e a drenagem dos brejos da Guanabara – realizada nos anos 30 e 40 do século XX. Estes dois exemplos foram destacados da obra de Lamego uma vez que a Serra representa mais de dois terços do território fluminense e o brejo, como vimos, representa o elemento chave, iniciador do processo civilizador que se fez nestas terras tropicais.

## **5.2 - Impactos na Guanabara – a drenagem dos brejos**

*Mas hoje, o Iguaçu canalizado é uma das grandes realizações do Departamento no recôncavo, ao transformar em polders enormes extensões de pantanais inúteis (Lamego, 1948).*

Lamego estava fascinado com o trabalho de drenagem dos pântanos e abertura de canais que a Comissão - depois elevada a Departamento - de Saneamento da Baixada Fluminense, sob a chefia do Engenheiro Hildebrando de

Araújo Góis, realizava. Para Lamego, a drenagem dos brejos representava a oportunidade de criar um solo novo, produtivo, capaz de suportar o desenvolvimento agrícola e outros usos, considerados nobres – estradas, ferrovias, indústrias, vilas e cidades. Ao longo das páginas dos seus livros, Lamego estabelece um diálogo entre o nosso brejo e as terras holandesas, conquistadas ao mar. A engenhosidade humana, o esforço criativo, o uso das melhores técnicas de engenharia poderiam mudar o curso de uma região, presa ao impaludismo e à pobreza. O saneamento era o caminho encontrado pela ciência e a técnica para transformar o mundo tirânico do subdesenvolvimento secular.

O caso da Vila de Iguaçu, erguida às margens do Rio Iguaçu, é exemplar para demonstrar o que aconteceu a praticamente todos os núcleos coloniais da Baixada Fluminense que se espalhavam ao fundo da Baía de Guanabara.

O povoado de Iguaçu é elevado à vila em 1833, a beira do velho caminho para a serra, numa região de vários engenhos de açúcar para cujos campos, cobertos de excelentes pastagens, se dirigia de preferência o gado que descia de Minas Gerais e de Goiás, destinado ao abastecimento do Rio de Janeiro. A região cresceria ainda mais com o transporte do café do vale do Paraíba, chegando a possuir grandes armazéns, verdadeiros trapiches e estabelecimentos comerciais que giravam vultosos capitais.

Toda essa atividade, porém, começa a declinar em 1854, quando Irineu Evangelista de Souza - Barão de Mauá - constrói a via férrea das margens da Guanabara à Raiz da Serra de Petrópolis. A partir do funcionamento regular da estrada e do porto, que recebia modernas embarcações movidas à vapor, a navegação do Rio Iguaçu foi decaindo, e o caminho d'água, outrora intensamente utilizado, passa a ficar descuidado, entupindo-se com um aumento de pântanos que alimentados em tempos de chuva e à falta de escoamento alastraram-se por imensas superfícies. Com eles veio a malária.

Em 1858, é construído o primeiro trecho da Estrada de Ferro Pedro II, do Rio de Janeiro a Queimados, seguindo pela baixada em busca das riquezas do Vale do Paraíba. A população, as atividades comerciais, a vida econômica correrão para as proximidades dos trilhos e o que restava do esplendor comercial da Vila de Iguaçu, debruçada sobre o rio, sumiu-se então, definitivamente. Nos fins do Império, a Vila ainda não morrera totalmente. O golpe decisivo será dado com a abolição da escravatura, a fuga do braço escravo para o Rio de Janeiro vai apressar o seu desaparecimento final.

*Iguaçu era um fantasma de vila, abandonada, cuja escassa população vivia presa do impaludismo. Restringia-se a sua existência à vida artificial que lhe dava o oficialismo: a Câmara Municipal, a vida judiciária, isto mesmo durante certas horas do dia. À noite, Iguaçu mergulhava no sono agitado pelos excessos da impiedosa malária (Góis, 1939).*

Nos anos 30 do século XX a Vila de Iguaçu já estava em ruínas, o mato crescia por todos os lados e até mesmo nas ruas outrora calçadas, árvores cresciam. Para Lamego, a ação saneadora da Baixada Fluminense poderia trazer de volta à região o esplendor e a riqueza que as zonais rurais desta imensa área conheceram nos tempos do Império. A ação saneadora prepararia

*...a base física para o acelerado avanço de uma future Nova York ou Londres, que já sobre ela incontidamente se derrama. Por que é este o verdadeiro fim do saneamento dessas margens paludosas, caso particular em que o desenvolvimento de uma economia agrícola e industrial a ser planejada pelo Departamento, irá sendo recoberto por faixas urbanas satélites do Rio de Janeiro (Lamego, 1948).*

Não existe em Lamego nenhum tipo de comentário técnico sobre os impactos possíveis que a drenagem de pântanos e realização de aterros em áreas úmidas poderia provocar, e é certo que já existiam indícios firmes que tais ações diminuían o pescado. Já no início do século XVIII, o Conde de Vimieyro, em carta datada de 15 de janeiro de 1717, reitera as ordens de proteção dos manguezais contra os desmatamentos (que eram realizados para se obter nessas ações

lenhos para curtição do couro) em benefício da população que tirava seu sustento daquele ecossistema. A seguir segue extrato da carta, onde se lê:

*O Povo tem razão no requerimento que faz, e se não deve tirar a casca para os curtidores em tanto dano das fazendas desse Povo, e do seu sustento, e pescaria, senão indo os interessados neste trato buscar a dita casca, três léguas distante do mesmo Povo (Soffiati, 2004).*

O trabalho do Departamento englobava seis áreas: a recuperação das áreas alagadas periodicamente pelas marés; a defesa contra as inundações; a dragagem de novos leitos para rios que se perderam em brejais; a ligação permanente das lagoas costeiras com o oceano; a drenagem subterrânea de determinadas áreas e as obras de arte. Até 30 de junho de 1945, o Departamento havia limpadado 6.800 quilômetros de rios, lançado 48 mil m<sup>3</sup> de concreto em obras de alvenaria, movimentado 46 milhões de m<sup>3</sup> de terras e construídos 402 pontes, sendo 65 de concreto armado (Lamego, 1948). As conseqüências foram imensas e até hoje não existem trabalhos que possam avaliar com rigor os impactos provocados pela drenagem dos pântanos que circundavam a Baía de Guanabara.

Com a drenagem dos solos da Baixada Fluminense toda a terra foi ocupada, primeiramente pela agricultura e a seguir por milhares de lotes e moradias e, é certo que os canais limpos nos anos 40 logo se transformaram em sistemas precários de lançamento de esgotos. Há 40 anos o Conselho de Planejamento da Prefeitura de São João de Meriti, assim se expressou:

*A falta de esgoto sanitário nos arredores da cidade, obrigam os moradores de inúmeras ruas (na sua grande maioria) a esgotarem as águas servidas e das fossas em valas marginais. Os cursos d'água, especialmente o Rio Meriti, também chamado Pavuna,... vem causando vultosos prejuízos à indústria, ao comércio e a população local, nas épocas das grandes chuvas. O excesso de água que transborda naqueles baixios,... sobe para a Cidade, produzindo inundações (Torres, 2008).*

Anos mais tarde, em 1994, o Governo do Estado do Rio de Janeiro assinaria contratos da ordem de US\$ 793 milhões, dos quais US\$ 350 milhões financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, US\$ 237 milhões pela agência japonesa Japan Bank for International Cooperation e US\$ 206 milhões provenientes do tesouro estadual, as conclusões das obras estavam previstas para 2002 mas até hoje não foram concluídas. Originalmente, seriam implantados 1.248 quilômetros de redes coletoras de esgoto, 28 quilômetros de emissários terrestres e submarinos e a realização de 139 mil ligações domiciliares. O fornecimento de água previa a implantação de 387 quilômetros de redes e adutoras, a realização de 34 mil ligações domiciliares, a construção de dez reservatórios e a instalação de 525 mil hidrômetros. A destinação final adequada de lixo beneficiaria 2,8 milhões de habitantes com a meta de coletar 90% dos resíduos domiciliares que não eram recolhidos, eliminando lixões, que seriam substituídos por aterros sanitários (CIBG, 2000).

Elizabeth Lima escreve estas palavras na sua tese de doutorado apresentada à COPPE em 2006:

*A área com água de pior qualidade, com Oxigênio Dissolvido a seguir de 1 mg/l, DBO de até 50 mg/l e elevados níveis de nutrientes Nitrogênio e Fósforo, bem como, de Coliformes fecais, está localizada no canal entre as Ilhas do Governador e do Fundão e o continente, devido aos lançamentos significativos de efluentes brutos ou parcialmente tratados, provenientes das áreas industriais e residenciais de baixa renda nas áreas ao norte do Município do Rio de Janeiro. A influência do movimento de maré é limitada nessa área, uma vez que a deposição de sedimento reduziu as seções transversais do canal. A qualidade de água é similar à dos esgotos sanitários parcialmente tratados, dessa forma, problemas de odor são também significativos. Essa região recebe uma carga poluidora considerável, proveniente das indústrias e das novas áreas residenciais da Baixada Fluminense, compreendendo os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis e Nova Iguaçu (Lima, 2006) .*

Lamego não percebeu as possíveis conseqüências da drenagem dos pântanos e brejos, não imaginou que as terras abertas seriam rapidamente ocupadas por milhares de lotes desacompanhados de toda sorte de infra-estruturas e serviços. Esta é uma possibilidade de análise, mas pode haver aqui outra hipótese a ser discutida: Lamego não percebeu as conseqüências ambientais e sociais da drenagem dos brejos uma vez que ele acreditava que as paisagens urbanas seriam “superiores” às agrícolas e às naturais. Uma paisagem “superior” seria testemunho do caminho do progresso, portanto, ao serem criadas novas paisagens “superiores”, estaríamos caminhando para um mundo cada vez mais civilizado. Nesta mesma linha de raciocínio é plausível supor que os riscos e os impactos causados pela drenagem dos brejos (diminuição do pescado, desaparecimento de espécies selvagens, assoreamento da Baía de Guanabara etc.) seriam entendidos como impactos “menores”, portanto perfeitamente assimiláveis na trajetória traçada para alcançar o mundo civilizado.

Neste sentido, Lamego parece compartilhar os princípios aristotélicos de classificação dos animais, projetado para os ambientais naturais. Para Aristóteles, os animais estavam divididos em duas principais categorias: superiores (animais com sangue) e inferiores (animais sem sangue) – o grau de perfeição de cada animal estava ligado à quantidade de calor que ele possuía. Estendendo esta noção para os ambientes onde são encontrados os animais, facilmente chega-se a conclusão que os as áreas úmidas são ambientes “primitivos”, repletas de seres de sangue frio, portanto, inferiores. Já as áreas drenadas e de bom clima abrigariam seres superiores e perfeitos – animais com sangue quente (Mesquita, et al., 2006). Era noção corrente no mundo greco-romano que os pântanos e áreas úmidas continham substâncias nocivas à saúde e emanavam odores ruins que faziam as pessoas adoecerem e falecerem. Prática comum, já nestes tempos, era a de aterrar e drenar os pântanos, livrando os homens das moléstias indesejáveis (Ujvari, 2004).

Hoje, o pior de vários mundos encontra-se nesta vasta região que circunda a Baía de Guanabara: os problemas de drenagem não foram resolvidos, a

poluição dos canais fluviais atingiu elevadíssimo grau e a região foi ocupada de modo irregular e sem planejamento. As conseqüências destes processos são lembradas a cada nova estação das chuvas, no verão, onde inundações e epidemias de dengue, hepatite e diarreia, para citar algumas, atingem e vitimizam uma população desassistida em termos sanitários e ambientais (Gerschman, 1995) e (Marques, 2000).

### **5.3 - Impactos na Serra – erosão dos solos e declínio da civilização do café**

A visão de Lamego sobre a civilização do café é difícil de compreender aos olhos de hoje, uma vez que em nome do progresso, justificava a escravidão como condição necessária para o progresso econômico da região. Além do mais, as florestas estavam habitadas por milhares de índios, como foi dito anteriormente. Assim, para florescer a civilização, esforços ilimitados seriam necessários realizar, nas palavras de Lamego,

A obra dos grandes senhores do café com todos os seus estigmas de um feudalismo brutal calcado na escravidão, fora a única possível para tal transformação. Nenhuma poderia executar essa colossal e completa mudança da paisagem serrana. Somente a rudeza do trabalho pelo braço do cativo conseguiria desbastar a mata virgem, preparando-a para uma futura evolução industrial, através de um estágio inicial exclusivamente agrário. Ou o café com escravidão, ou até hoje a selva bruta (Lamego, 1950).

A expansão dos cafezais no início do século XIX se faz sobre uma base frágil – os solos. Ocorrem aqui associações de solos podzólicos e latossolos vermelho-amarelos. Os primeiros são extremamente suscetíveis à erosão, já os segundos, pobres em nutrientes para as plantas. No Vale do Paraíba, desde os limites com o Estado de São Paulo até a divisa do Estado do Rio de Janeiro com o

Estado do Espírito Santo ocorrem estas associações. Os podzólicos, que ocorrem no Vale do Paraíba, compreendem uma "variedade de solos que apresentam horizonte A moderado e horizonte B textural (acúmulo de material proveniente do horizonte superficial). São geralmente profundos e bem drenados. Os latossolos vermelho-amarelo são solos não hidromórficos, com horizonte B latossólico (ausência quase total de minerais primários de fácil intemperização). Em sua maior parte, possuem caráter álico (saturação com alumínio superior a 50%), o que lhe confere uma certa acidez. Compreendem solos normalmente muito profundos. Em estágio já bastante desenvolvido, apresentam intemperismo avançado e poucas reservas de elementos nutritivos para as plantas. Estão relacionados, em geral, a um relevo forte ondulado e montanhoso (RADAMBRASIL, 1983).

Desta forma, os cafezais foram plantados em colinas e morrotes que se espalham pelo Vale do Paraíba sobre solos muito suscetíveis à erosão ou pobres em nutrientes. Com os aguaceiros, normais no verão, o solo corria morro a seguir, levando consigo às esperanças de uma boas colheitas futuras. A vida útil de uma plantação cafeeira, no máximo de sua produtividade, era de dez anos. Produzia até esta idade, entre 90 e 120 arrobas por mil pés de café plantados. Com 25 anos o cafezal já era velho. Já em declínio, o cafezal produzia frutos até 30 anos, numa faixa nunca superior a 20 ou 30 arrobas. Entre 1835 e 1867, a produção cafeeira foi multiplicou por seis vezes. Em 1870 já é visível o declínio da produtividade nas primeiras zonas ocupadas pelo café (Lessa, 2000), (Vieira, 2000) e (Stein, 1961).

Desperta surpresa a falta de atenção para a análise das conseqüências, dispensada por Lamego, em relação à erosão promovida pela introdução dos cafezais nas zonas serranas. De certo, o assunto já havia sido apreciado no império e ações de reflorestamento realizadas na Floresta da Tijuca pelo Major Archer com o objetivo de recuperar as terras e fazer voltar as águas (Corrêa, 1936).

Após a passagem do café, as voçorocas tornam-se parte da paisagem do Vale do Paraíba. Passados mais de cem anos, muitas cicatrizes em diferentes estágios de recuperação podem ser observadas e as voçorocas são contadas às dezenas por km<sup>2</sup> de superfície nas áreas mais críticas como no Município de Pinheiral. Um extrato, transcrito a seguir, do relatório do CEIVAP - Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, dá a dimensão do problema:

*Em relação ao Médio Vale do Paraíba do Sul, estima-se que mais de um milhão de hectares estão nos níveis de vulnerabilidade à erosão alta a muito alta. Esses processos erosivos vêm causando o assoreamento de forma acelerada, do rio Paraíba do Sul e reservatórios do sistema Light-Cedae. De todos os municípios da região, Pinheiral é um dos que mais se destaca com aproximadamente 88% de suas terras nessas categorias de severidade à degradação. Neste trecho da Bacia do Paraíba do Sul, foi registrada a segunda maior produção de sedimentos, com cerca de 5,89 t h/ano e parte deste total, 680.800 t/ano, está sendo transferido para o Sistema Light-Guandu, que recebe 2/3 da água do rio Paraíba do Sul para geração de energia e água potável. Para quantificar o problema, uma voçoroca de tamanho médio em Pinheiral, apresenta cerca de 1000 m<sup>2</sup> de área, e profundidade média de 10 m, o que resulta em 10.000 m<sup>3</sup> de volume. Isso equivale ao longo do desenvolvimento da voçoroca, a 2.000 caminhões de aterro, e que têm os rios e riachos como destino final. Em um trecho de 70 km da linha férrea da MRS Logística entre Barra Mansa e Japerí, foram contadas mais de 160 voçorocas voltadas para o rio Paraíba do Sul” (CEIVAP, 2002).*

Mas não são só os solos que são frágeis no Vale do Paraíba, ecologicamente, a região é definida como área de *tensão ecológica*, uma região de transição, entre uma área alta e úmida - Serra do Mar – para uma região mais quente e seca onde aparecem os cerrados em Minas Gerais e no Planalto Central. Entre estes dois domínios: o da floresta ombrófila e do cerrado, ocorre a floresta estacional.

O conceito de tensão ecológica é formulado em 1905, por Clements que a definia como sendo uma área que apresentava uma associação de transição produzida por outras duas áreas, por invasão mútua. Haveria portanto, na área de tensão ecológica, um hibridismo de influências (Clements, 1977). Para Gosz, a área de tensão ecológica é uma zona de transição entre sistemas ecológicos adjacentes, que possuem características únicas. Tal bioma contém alta diversidade biológica, além de indicar mudanças climáticas e representar habitat único para inúmeras espécies (Gosz, 1993).

Grosso modo, tendo o Vale do Paraíba como eixo, da cidade de Três Rios para o leste, as temperaturas médias anuais no Vale do Paraíba começam a aumentar, formando climas quentes, de Três Rios para o oeste, a diminuir, permitindo o aparecimento de regiões sub-quentes e mesotérmicas brandas.

Todo o Vale está submetido a um regime de deficiência hídrica que varia de quatro a seis meses por ano. É nesta zona que ocorria originalmente um tipo especial de formação florestal especial - a estacional semi-decidual.

*Os ambientes dessa região estão sobre litologia variada, em áreas com mais de 60 dias secos. A porcentagem de espécies arbóreas caducifólias, em relação ao número total de árvores nos agrupamentos dos remanescentes, situa-se entre 20 a 50% durante a época desfavorável. Poucas são suas formações remanescentes (RADAMBRASIL, 1983).*

A decadência de um ciclo econômico, como o do café no Vale do Paraíba gerou paisagens derivadas diferentes: nas zonas mais altas e úmidas do Paraíba existem indícios claros que o reflorestamento ocorre por processos naturais (CIDE, 2003). “No balanço do período analisado houve um aumento de floresta clímax, principalmente nas áreas de declividade mais acentuada associada ao abandono da pecuária” (Ferreira, et al., 1999).

Já nas zonas rebaixadas das depressões dos Rios Pomba e Muriaé, no Noroeste Fluminense, a floresta estacional encontra dificuldades de regenerar-se (CIDE, 2003). Um mesmo processo histórico gera paisagens diferentes, resultados diferentes, a partir das condições naturais presentes no território. As depressões escalonadas dos Rios Pomba e Muriaé estão cobertas por pastagens que entram em combustão nas épocas de estiagem provocando inúmeras queimadas que acabam por dificultar os processos de sucessão vegetal.

*Em comparação com a floresta não queimada, a comunidade vegetal na área atingida pelo fogo apresentou 43 espécies a menos aos seis meses, diferença que diminuiu para 14 espécies aos 24 meses. A resiliência, analisada com base na recuperação da biomassa arbórea, é maior na faixa mais interna, devido às espécies pioneiras oriundas de sementes que se desenvolvem rapidamente. A rebrota de árvores atingidas pelo fogo também é maior na faixa mais distante da borda e contribuiu significativamente na recuperação da riqueza... O fogo mostrou-se como elemento de degradação, desde o banco de sementes até o estrato arbóreo. Ainda que a floresta tenha recuperado parte de sua riqueza em dois anos, este processo é lento, caracterizando baixa resiliência, especialmente na faixa mais externa da floresta onde o fogo é ameaça permanente (Oliveira Jr., 2007).*

#### **5.4 - Temas de trabalhos futuros para a história ambiental do Estado do Rio de Janeiro**

Existem lacunas importantes na obra de Lamego quando sua obra é analisada a partir de referenciais desenvolvidos pela biogeografia, ecologia de paisagens ou até mesmo através da história ambiental. Como vimos anteriormente, estas lacunas talvez tenham sido deixadas em função da

orientação, da perspectiva de trabalho do autor, fortemente inclinado a defender sistemas e soluções capazes de apoiar a sua concepção de civilização e desenvolvimento. Assim, nas próximas páginas, indicamos alguns temas e sugestões para novos estudos capazes de contribuir para uma melhor análise do mundo que Lamego viu e descreveu.

*Impactos das monoculturas da cana-de-açúcar e do café sobre a flora e a fauna do Estado do Rio de Janeiro* - com a criação da economia moderna, a partir das navegações europeias e expansão do sistema colonial inicia-se a transformação radical das paisagens do Novo Mundo (Crosby, 1993). No Rio de Janeiro o processo também não foi diferente, o europeu desembarca trazendo consigo sementes de novas espécies, ervas, gramíneas, pássaros, cães, gatos, galinhas, asnos, bois, cavalos, arados, moendas e machados. O brejo úmido e fértil terá sua vegetação original substituída para nele abrigar o plantio da cana-de-açúcar *Saccharum spp*, proveniente do sudoeste asiático (Pinto, 1965).

*Autores e teses contrários à devastação.* À medida que expandiu a produção canavieira por todas as terras baixas, a vegetação original foi retrocedendo (Dean, et al., 1997). Este modelo de expansão baseado na substituição radical das espécies provocou mudanças nos biomas que foram percebidos, já no século XVIII, quando foi desenvolvida a Teoria do Dessecamento, a qual afirmava que ao destruir a vegetação nativa se reduz a umidade e as chuvas, diminuindo a água no solo, criando desertos (Drummond, 1997). Remontar o debate realizado naqueles tempos passa a ser um elemento chave para a construção das políticas ambientais de hoje. É certo que as paisagens degradadas e profundamente impactadas que são encontradas no entorno da Baía de Guanabara e pela vastidão das terras da bacia hidrográfica do Paraíba do Sul são testemunhos das opções que foram tomadas em tempos atrás.

*Novos usos do solo e sítios arqueológicos ameaçados.* Nas restingas e nas áreas úmidas da planície de aluvião encontram-se diversos sítios arqueológicos, de fato, os sambaquis constituem um dos mais notáveis patrimônios culturais da região. Em Saquarema, por exemplo, foram catalogados vinte e quatro sítios, datados de  $4520 \pm 190$  a  $1790 \pm 50$  anos antes do presente. Entretanto existem muitas ocorrências que se espalham desde a Guaratiba até Campos, alguns localizados a dezenas de quilômetros da atual linha do litoral, os registros mais antigos datam de oito mil anos antes do presente (Kneip, et al., 1984).

*Espécies exóticas invasoras no Estado do Rio de Janeiro* - Algumas espécies exóticas têm grande capacidade de invasão e de colonização de novos ambientes devido a características biológicas e ecológicas que ampliam sua tolerância em relação à maioria dos fatores ambientais. Podem, portanto, adaptar-se mais facilmente às condições dos ambientes invadidos e obter sucesso reprodutivo. As espécies invasoras são relativamente generalistas em vários aspectos de suas necessidades ecológicas. Essa é uma das razões de seu sucesso na colonização e proliferação em novos ambientes, nos quais entram naturalmente ou para onde são levadas, de modo acidental ou proposital. As espécies invasoras tendem a desequilibrar o sistema, afetando negativamente a flora e a fauna locais – em geral ocorre redução das populações das espécies nativas, com risco, muitas vezes, de extinção.

Nas últimas décadas, governos de várias nações desenvolvidas têm investido em pesquisas e proposto formas de controlar, manejar ou até erradicar espécies exóticas, para preservar a biodiversidade local. Essa preocupação gerou o documento *Estratégia global sobre espécies exóticas invasoras*, elaborado pelo Programa Global de Espécies Invasoras, uma iniciativa da comunidade científica internacional, publicado em 2001. O documento recomenda várias medidas de controle de espécies exóticas. Duas espécies chamam atenção no litoral fluminense, a primeira é a amendoeira (*Terminalia catappa*), árvore proveniente da Ásia, é a espécie exótica mais abundante nas ruas e praças da cidade do Rio de Janeiro, mas também pode ser encontrada ao longo de todo o litoral fluminense, a

segunda é a casuarina (*Casuarina equisetifolia*) considerada praga nas restingas gaúchas e com potencial para transformar-se numa grande invasora ao longo do litoral do Rio de Janeiro.

*Influência de Lamago sobre a produção técnica do Estado do Estado do Rio de Janeiro* - No prefácio da primeira edição de *O Homem e o Brejo*, os setores da evolução da evolução fluminense – o Brejo, a Restinga, a Guanabara e as Serras – são apresentados na condição de um conjunto territorial formador de uma unidade, uma identidade. De fato, vinte e quatro anos mais tarde, após a publicação do último livro da série, o conjunto das paisagens de Alberto Lamago encontrará abrigo na nova unidade político-administrativa criada em 1º de Julho de 1974, com a publicação da Lei Complementar Nº 20. Nesta ocasião, foi realizada a fusão de dois estados brasileiros a Guanabara (antigo distrito federal e município neutro) com o Rio de Janeiro.

Algumas evidências da influência de Lamago podem ser encontradas na Fundação CIDE. Para citar alguns exemplos, o mapa da divisão político administrativa do Estado do Rio de Janeiro segue, em linhas gerais, os principais recortes apontados por Alberto Lamago, com subdivisões. O Mapa dos desmembramentos municipais do Estado do Rio de Janeiro foi, praticamente, todo realizado tendo como base as referências documentais de Alberto Lamago (CIDE, 1998). A publicação Território, assim como a folha Rio de Janeiro, publicada pelo Ministério de Minas e Energia, fazem inúmeras referências ao seu trabalho geológico e não é falso afirmar, também, que cabe a ele um lugar de destaque nas avaliações e potencialidades da Bacia de Campos na geologia litorânea do petróleo (Lamago, 1944) (CIDE, 1998) e (RADAMBRASIL, 1983).

## Conclusões

A busca pelo gênero de vida, a procura pela civilização fluminense, tropical, impediram Lamego de analisar a paisagem do ponto de vista mais relativo, relacional, complexo. Apesar de já existirem na época muitas ferramentas de análise alternativas, conceitos e fundamentos disponíveis, propostos, inclusive, por eméritos geógrafos. É preciso lembrar que o conceito de ecologia de paisagens foi proposto em 1939 por Carl Troll (Troll, 1966), o conceito de tensão ecológica é anterior, data de 1905, proposto por Clements (Clements, 1977). Nesta mesma linha, é impossível não mencionar o impacto que a legislação norte-americana sobre preservação dos solos ganhou a partir da publicação, em 1928, do boletim do Dr, Hugh Bernnett que apresentava a erosão dos solos como uma verdadeira ameaça aos Estados Unidos (Helms, et al., 2002).

É para nós estranho imaginar que Lamego, sendo um homem culto e de ciência, formado num centro de referência internacional não tivesse conhecimento destas e de outras tantas questões importantíssimas e que estavam sendo discutidas e debatidas no seu tempo. Afastada esta hipótese, Lamego não fez estas e outras análises em função do método escolhido para fazer a sua Geografia. De fato, quando se busca o gênero de vida de uma comunidade sobre uma determinada região, procura-se a síntese, a fusão, do homem com a sua paisagem. Logo, o ponto de partida acaba transformando-se no ponto de chegada, em outras palavras, a Geografia da síntese, em Lamego, é uma ciência dos lugares construídos por um determinado homem, capaz de promover a passagem e a transformação da paisagem natural para a paisagem civilizada.

Há em Lamego um forte e marcante caráter evolutivo nas suas paisagens, como foi visto, a selvajaria (a floresta bruta) antecede a paisagem agrícola em estágio evolutivo, que por sua vez precede a paisagem urbana e industrial. Lamego um respeito pelas idéias de civilização como processo positivo, processo

ascendente, referência clara ao evolucionismo cultural dos homens, das paisagens (Castro, 2005).

Neste sentido, havia um caminho inexorável para o descortinar de uma nova era, uma civilização brasileira, guiada por um novo homem, diferente do europeu e da sua projeção na América, ao norte do hemisfério. A civilização brasileira, para Lamago era genuína, única, formada, singular. Esta visão para frente a qualquer custo o impediu de ver a erosão dos solos como um problema sério para a civilização do café uma vez que o legado desta civilização era maior que o esgotamento das terras em si.

Esta mesma visão o orientou a não perceber os possíveis impactos que a urbanização acelerada poderia provocar na Baixada Fluminense já que a nova paisagem, construída pelas máquinas, pelas dragas, pelos cálculos dos maiores engenheiros hidráulicos que havia era “*superior*” ao brejo que então estava sendo drenado. Se uma civilização deveria florescer ela ocorreria sobre as terras drenadas, conquistas da ciência, que libertava a terra e os homens do impudismo secular. Esta mesma visão era compartilhada por muitos homens de ciência, tanto é assim que na edição de 1949 a ciência brasileira dava ampla divulgação ao trabalho exemplar da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense (SBPC, 1949).

O método de trabalho de Alberto Lamago, especialmente quando aborda as questões referentes ao Homem e a Cultura apóia-se em métodos indutivos, isto é: o ponto de partida para a construção da análise não são os princípios, mas a observação dos fatos e dos fenômenos presentes na realidade objetiva. Usando-se este modelo, se constroem analogias, chegando-se a conclusões que, necessariamente, não são verdadeiras. A paisagem urbana, industrial ou civilizada não é, necessariamente, superior ou inferior a qualquer outra paisagem, seja ela selvagem ou não, desabitada ou não. Em outras palavras, as conclusões obtidas através deste método são no máximo prováveis e, em muitas vezes, de difícil comprovação.

Pode-se falar que existe uma crise das paisagens, elas estão se esvaziando de gente e significado mediante os avanços da urbanização. É possível supor que um processo de descaracterização em grande escala aprofunde a separação dos homens, cada vez mais urbanizados, de outras paisagens que não sejam urbanas. Os desaparecimentos dos significados relacionados às paisagens tradicionais, que Lamago descreveu nos anos 40, estão perdendo-se no tempo e esforços precisam ser realizados para que a história de uma terra, de uma gente, não seja apagada pelas forças crescentes e maiores da globalização. Cremos que, através da História Ambiental é possível trazer à luz conflitos passados, crises não suficientemente explicadas. A História Ambiental abre uma nova perspectiva para entender as heranças ambientais complexas, com as quais se convive e, seguramente, projetam alguma luz sobre o futuro, iluminando as escolhas tomadas nos dias de hoje por pessoas, empresas e instituições.

## Referências bibliográficas

**Ab'Sáber, Aziz Nacib. 2006.** *Brasil, paisagens de exceção : o litoral e o Pantanal Mato-Grossense, patrimônios básicos* . São Paulo : Ateliê Editorial, 2006. 8574802182.

—, 1977. *Problemática da desertificação e da savanização no Brasil intertropical*. São Paulo : Universidade de São Paulo, 1977.

**Andrade, Manuel Correia de Oliveira. 1985.** *Élisée Reclus*. São Paulo : Editora Ática, 1985.

—, 1981. *Geografia econômica*. São Paulo : Editora Atlas, 1981. ISBN:8522419337.

—, 1968. *Paisagens e problemas do Brasil (aspectos de vida rural brasileira frente à industrialização e ao crescimento econômico)*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1968.

**Aston, Michael. 1997.** *Interpreting the Landscape: Landscape Archaeology and Local History* . Abingdon : Routledge, 1997. ISBN:0415151406.

**Azevedo, Fernando de. 1944.** *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil* . São Paulo : Companhia Edotora Nacional, 1944.

—, 1948. *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil; ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar*. Rio de Janeiro : Instituto do Açúcar e do Alcool, 1948.

**Barros, Wanderbilt Duarte de. 1961.** *Problemas da erosão do solo no Brasil*. Rio de Janeiro : Ministerio da Agricultura - Serviço de Informação Agrícola, 1961.

**Benko, Georges. 2000.** La recomposition des espaces. *Revue générale de stratégie*. Paris : Agir, 2000, Vol. *Revue générale de stratégie*.

**Berman, Marchall. 1987.** *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987. ISBN:8585095059.

**Bernáldez, Fernando González. 1981.** *Ecología y paisaje*. Madid : Hermann Blume, 1981. 8472142272.

**Bertalanffy, Ludwig von. 1975.** *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis : Vozes, 1975.

**Botelho, Adriano. 2007.** *O urbano em fragmentos : a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário*. São Paulo : AnnaBlume, 2007.

**Camões, Luis de. 1913.** *Lusíadas*. Lisboa : França Amado, 1913.

**Carlos, Ana Fani A e Lemos, Amália Inés Geraiges de. 2003.** *Dilemas urbanos : novas abordagens sobre a cidade.* São Paulo : Editora Contexto, 2003. 8572442197.

**Carpenter, William e Carpenter, J. Estlin. 2004.** *Nature And Man: Essays Scientific And Philosophical .* Whitefish : Kessinger Publishing, 2004. ISBN:1417945559.

**Castri, F. di e Hansen, A. J. 1992.** The environment and development crises as determinants of landscape dynamics. [A. do livro] A. J. Hansen e F di Castri. *Landscape boundaries: consequences for biotiv diversity and ecological flows.* New York : Springer-Verlag, 1992.

**Castro, Celso. 2005.** *Evolucionismo cultural - Textos de Morgan, Tylor e Frazer.* Rio de Janeiro : JORGE ZAHAR EDITOR, 2005.

**Castro, Josué de. 1957.** *Ensaio de geografia humana.* São Paulo : Editora Brasiliense, 1957.

**CEIVAP. 2002.** *Diagnóstico da situação atual dos recursos hídricos. .* Rio de Janeiro : CEIVAP - Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul - Agência Nacional das Águas - ANA, 2002.

**CIBG. 2000.** *Centro de Informações da Baía de Guanabara.* [Documento] Rio de Janeiro : Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

**CIDE. 2003.** *Índice de Qualidade dos Municípios Verde - IQM-Verde.* Rio de Janeiro : Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, 2003.

— . **1998.** *Território.* Rio de Janeiro : Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, 1998.

**Clements, Frederic Edward. 1977.** *Research Methods in Ecology .* Manchester : Ayer Publishing, 1977. ISBN:0405103816.

**Corrêa, Armando Magalhães. 1936.** *O sertão carioca.* Rio de Janeiro : Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1936.

**Côrrea, Roberto Lobato e Rosendahl, Zeny. 1998.** *Paisagem, tempo e cultura.* Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998. ISBN:8585881569.

**Corrêa, Roberto Lobato. 1986.** *Região e organização espacial.* São Paulo : Editora Ática, 1986. 8508010907.

**Cosgrove, D. E. 1998.** Cultural landscapes. [A. do livro] T. Unwin. *A European Geography.* Harlow : Addison Wesley Longman, 1998.

**Criado, Felipe e Parcero , César. 1997.** *Landscape, archaeology, heritage.* Santiago de Compostela : Universidade de Santiago de Compostela, 1997.

**Cronon, William. 1997.** *Landscapes of Promise: The Oregon Story, 1800-1940*. Washington : University of Washington, 1997. ISBN:0295976322.

**Crosby, Alfred. 1993.** *Imperialismo ecológico - a expansão biológica da europa 900 - 1900*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993. 8571642966.

**Crosby, Alfred W. 2003.** *The Columbian exchange : biological and cultural consequences of 1492*. Westport : Praeger, 2003. 0275980731.

**da Matta, Roberto. 1979.** *Carnavais, malandros e heróis : para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1979.

**Darwin, Charles. 1993.** *The Origin of Species*. New York : Random House Inc., 1993. 0679749551.

**Davis, William Morris. 1898.** *Physical geography*. Boston : Ginn & Co., 1898.

**Dean, Warren. 1992.** *A botânica e a política imperial : introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial*. São Paulo : Universidade de São Paulo , Instituto de Estudos Avançados, 1992.

— . **1989.** *A luta pela borracha no Brasil : um estudo de história ecológica*. São Paulo : Livraria Nobel, 1989. 8521305923.

**Dean, Warren, Moreira, Cid Knipel e Drummond , José Augusto. 1997.** *A ferro e fogo : a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

**Deffontaines, Pierre. 1956.** *Os indivíduos-tipo do Brasil*. Rio de Janeiro : Boletim Geográfico, nº 50, 1956. Vol. V. Conselho Nacional de Geografia.

**Delcourt, Hazel. 1991.** *Quaternary Ecology: A Paleoecological Perspective*. New York : Springer, 1991. ISBN:0412297809.

**Diegues, Antônio Carlos Sant'Ana e Filho, Paulo Fortes. 2004.** *Enciclopédia caiçara*. São Paulo : Editora Hucitec, 2004.

**Diegues, Antônio Carlos Sant'Ana e Nogara , Paulo José. 1994.** *O nosso lugar virou parque : estudo sócio -ambiental do Saco de Mamanguá -Parati-Rio de Janeiro*. São Paulo : EDUSP , 1994.

**Drew, David. 1986.** *Processos interativos homem - meio ambiente*. São Paulo : Difel, 1986.

**Drummond, José Augusto. 1997.** *Devastação e preservação ambiental : os parques nacionais do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói : Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997. 8522802041.

**Durkheim, Émile. 1968.** *As regras do método sociológico*. São Paulo : Companhia editora nacional, 1968.

**Ehlers, Eduardo Mazzaferro e Veiga , José Eli da . 2003.** *Determinantes da recuperação da Mata Atlântica no Estado de São Paulo*. São Paulo : Universidade de São Paulo São Paulo, 2003.

**Emídio, Teresa. 2006.** *Meio ambiente & Paisagem* . São Paulo : Editora Senac, 2006. ISBN:8573594802.

**Ferreira, Antônia Maria Martins, et al. 1999.** *Uso do Geoprocessamento como ferramenta para análise geocológica – o exemplo da bacia do Paqueta*. Rio de Janeiro : Projeto Teresópolis (PADCT-UERJ-IBGE), 1999.

**Flint, Colin Robert. 2004.** *The Geography of War and Peace: From Death Camps to Diplomats* . Oxford : Oxford University Press, 2004. ISBN:0195162080.

**Ford, Edgard. 1965.** *Landscape geography*. Sydney : Angus and Robertson, 1965.

**Franco, Afonso Arinos de Melo. 1944.** *Desenvolvimento da civilização material no Brasil*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Saúde , 1944.

**Freire, José Ribamar Bessa e Malheiros, Márcia Fernanda. 1997.** *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : UERJ, 1997.

**Freitas, Inês Aguiar de. 2006.** *História ambiental e geografia*. [Artigo científico] Rio de Janeiro : Anpuh - Associação Nacional de História, Anpuh, 2006.

**Freyre, Gilberto. 1969.** *Açúcar; em torno da etnografia , da história , e da sociologia do doce no Nordeste canavieiro do Brasil*. Rio de Janeiro : Instituto do Açúcar e do Alcool, 1969.

— . **1943.** *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro : José Olympio Editora, 1943.

**Gerbi, Antonello. 1996.** *O novo mundo - História de uma polêmica (1750 - 1900)*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996. 8571645574.

**Gerschman, Silvia Victoria. 1995.** *A democracia inconclusa : um estudo da reforma sanitária brasileira*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 1995. 8585676205.

**Góis, Hildebrando de Araújo. 1939.** *O saneamento da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro : Departamento Nacional de Obras de Saneamento do Ministério da Viação e Obras Públicas, 1939.

**Gomes, Flávio dos Santos . 2006.** *Histórias de quilombolas : mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro , século XIX*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006. 8535909125.

**Gonçalves, Carlos Walter Porto. 1989.** *Os (des)caminhos do meio ambiente* . São Paulo : Editora Contexto, 1989. ISBN:8585134402.

**Gosz, James R. 1993.** Ecotone Hierarchies. *Ecological Applications*. 1993, Vol. Vol. 3, No. 3 (Aug., 1993), pp. 370-376.

**Guerra, Antônio Teixeira. 1976.** *Recursos naturais do Brasil*. Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1976.

**Haesbaert, Rogério. 2001.** *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói : Editora da Universidade Federal Fluminense, 2001.

—. **2002.** *Territórios alternativos*. São Paulo : Editora Contexto, 2002. ISBN:8572442022.

**Harvey, David. 2003.** *The New Imperialism*. Oxford : Oxford University Press, 2003.

**Hays, Samuel e Tarr, Joel. 1998.** *Explorations in Environmental History: Essays*. Pittsburgh : University of Pittsburgh Press, 1998. ISBN:0822956438.

**Heisenberg, Werner. 2003.** *Física e filosofia*. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2003.

**Helferich, Gerard e Silva, Adalgisa Campos da. 2005.** *O cosmos de Humboldt Alexander von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo*. Rio de Janeiro : Editora Objetiva, 2005. ISBN:8573026707.

**Helms, Douglas, Effland, Anne B. W. e Durana, Patricia J. 2002.** *Profiles in the History of the U.S. Soil Survey J. Durana* . Ames : Iowa State University Press, 2002.

**Hettner, Alfred. 1972.** *The Surface Features of the Land: Problems and Methods of Geomorphology*. New York : Hafner Publications Co., 1972.

**Hollanda, Sérgio Buarque de e Fausto, Boris. 1967.** *História geral da civilização brasileira* . São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1967.

**Hollanda, Sérgio Buarque de. 1936.** *Raízes do Brasil* . Rio de Janeiro : José Olympio Editora, 1936.

**Holt-Jensen, Arild e Fullerton, Brian. 1999.** *Geography - History and Concepts: A Student's Guide* . New York : Sage Publications Inc, 1999. ISBN:0761961801.

**Hutton, James. 2008.** *Theory of the earth*. Whitefish : Kessinger publishing, 2008. 1419189506.

**IBGE. 1962.** *Paisagens do Brasil*. Rio de Janeiro : IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1962.

—. **1939.** *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1939.

**Kneip, Lina Maria, et al. 1984.** *Informação arqueo-geológica sobre sambaquis da Planície da Maré de Guaratiba Rio de Janeiro.* Niterói : CEUFF, 1984.

**Kuhn, Thomas. 1996.** *The Structure of Scientific Revolutions.* Chicago : University of Chicago Press, 1996. ISBN:0226458075.

**La Blache, Paul Vidal de e Martonne, Emmanuel de. 1954.** *Principios de geografia humana.* Lisboa : Edições Cosmos, 1954.

**La Blache, Paul Vidal de. 1918.** *La France de l'Est (Lorraine-Alsace).* Paris : Armand Colin, 1918.

**Lahuerta, Flora Medeiros. 2006.** *Viajantes e construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822).* [REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES] Barcelona : Universidad de Barcelona, 2006. Volume X, número 218 (64).

**Lamego Filho, Alberto. 1934.** *Na planície do solar da senzala.* Rio de Janeiro : Livraria Católica, 1934.

**Lamego, Alberto Ribeiro. 1944.** *A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petrôleo.* Rio de Janeiro : Divisão de Geologia e Mineralogia, 1944.

—, 1948. *O Homem e a Guanabara.* Rio de Janeiro : s.n., 1948.

—, 1946. *O Homem e a Restinga.* Rio de Janeiro : s.n., 1946.

—, 1950. *O Homem e a Serra.* Rio de Janeiro : s.n., 1950.

—, 1946. *O Homem e o Brejo.* Rio de Janeiro : Editora Lidador Ltda., 1946.

**Leff, Enrique. 2002.** *Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidad, complejidad, poder.* México D.F. : Siglo XXI, 2002. ISBN:9682324025.

**Lessa, Carlos. 2000.** *O Rio de todos os Brasis.* Rio de Janeiro : Editora Record , 2000.

**Lima, Elizabeth Cristina da Rocha. 2006.** *Qualidade de Água da Baía de Guanabara e Saneamento: Uma Abordagem Sistêmica.* Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro - Coordenadoria dos Programas de Pós-graduação em Engenharia, 2006.

**Lima, Luiz Cruz. 2006.** *Dinâmicas territoriais em espaços globalizados.* [A. do livro] José Borzacchiello da Silva, Luiz Cruz Lima e Denise Elias. *Panorama da Geografia Brasileira.* São Paulo : Annablume Editora, 2006.

**Lyell, Charles. 1990.** *Principles of geology.* Chicago : University of Chicago Press, 1990. ISBN:0226497941.

**Marques, Eduardo Cesar. 2000.** *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Editora Revan, 2000. 8571062137.

**Martins, Wilson. 1979.** *História da inteligência brasileira*. São Paulo : Editora Cultrix, 1979.

**Megale, Januário Francisco. 1983.** *Geografia e sociologia em Max Sorre*. São Paulo : Instituto de Pesquisas Econômicas, 1983.

**Mello, Marco Antonio da Silva e Vogel, Arno. 2004.** *Gente das areias : história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro* , Maricá, Rio de Janeiro, 1975 a 1995. Niterói : EdUFF, 2004. 852280382X.

**Mendes, Renato da Silveira. 1950.** *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras., 1950.

**Mesquita, António Pedro e Silva , Maria de Fátima Sousa e . 2006.** *História dos animais de Aristóteles: Livros I-IV, volume IV, tomo I*. Lisboa : IN-CM, 2006. 972271452X.

**Metzger, Jean Paul. 2001.** O que é ecologia de paisagens? *Biota Neotropica*. Dezembro, 2001, Vol. 1, 1/2.

**Miller, Shawn William. 2007.** *An environmental history of Latin America*. New York : Cambridge University Press, 2007.

**Miranda, E. E. de e Gomes, E. G. Guimarães, M. 2005.** *Mapeamento e estimativa da área urbanizada do Brasil com base em imagens orbitais e modelos estatísticos*. [Eletrônica] Campinas : Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005.

**Moraes, Antonio Carlos Robert. 2002.** *A Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo : Hucitec, 2002. ISBN: 8527101076.

—. **1987.** *Geografia: pequena história crítica* . São Paulo : Hucitec, 1987. ISBN:8527100215.

**Moraes, Antonio Carlos Robert de. 1989.** *A gênese da geografia moderna* . São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1989. ISBN:8527101076.

**Moreira, Ruy. 1999.** A diferença e a Geografia - o ardid da identidade e a representação da diferença na geografia. *GEOgraphia*. Smestral, 1999, Vol. 1999, Ano 1 – Nº 1.

**Morin, Edgar e Marques , António. 2002.** *O problema epistemológico da complexidade*. Sintra : Europa-América, 2002.

**Morin, Edgar. 2003.** *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa : Instituto Piaget, 2003. 9727713831.

**Nash, Roderick. 1989.** *The Rights of Nature: A History of Environmental Ethics* . Madison : University of Wisconsin Press, 1989. ISBN:0299118444.

**Oliveira Jr., Luiz Erivelto de. 2007.** *Incêndio em floresta estacional semidecidual: avaliação de impacto e estudo*. São Carlos : Escola de Engenharia de São Carlos, 2007. Tese de doutorado.

**Oliveira, Rogério Ribeiro de . 2005.** *As marcas do homem na floresta : história ambiental de um trecho urbano de mata atlântica*. Rio de Janeiro : Editora PUC Rio, 2005. 8587926101.

**Ortega y Gasset, José. 1983.** *Obras Completas*. Madrid : Revista do Ocidente, 1983. Vol. 12.

**Pannenberg, Wolfhart. 2002.** The concept of miracle. 2002, Vols. Zygon, 37, no. 3: 759-762.

**Parker, V.T. e Pickett, S. T. A. 1998.** Historical contingency and multiple scales of dynamics within plant communities. [A. do livro] E. L. Peterson e V. T. Parker. *Ecological Scale, Theory and applications*. New York : Columbia University Press, 1998.

**Parravicini, L. A. 1916.** *Juanito - libro de lectura*. Barcelona : Hijos de Paluzie, Editores, 1916.

**Pinto, Eudes de Souza Leão. 1965.** *Cana-de-açúcar*. Rio de Janeiro : Ministério da Agricultura, 1965.

**Popper, Karl. 2007.** *A pobreza do historicismo*. Lisboa : Esfera do Caos, 2007. ISBN: 9789898025296.

**Prado Júnior, Caio. 1945.** *História Econômica do Brasil*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1945.

**Puente, Fernando Rey. 1997.** *As concepções antropológicas de Schelling* . São Paulo : Edições Loyola, 1997. ISBN:8515015420.

**Pyne, Stephen. 1998.** *How the Canyon Became Grand: A Short History* . New York : Viking, 1998. 0670881104.

**RADAMBRASIL. 1983.** *Levantamento de recursosnaturais. Projeto RADAMBRASIL*. Rio de Janeiro : Ministério de Minas e Energia, 1983. V. 32.

**Reclus, Élisée e Reclus, Paul. 1908.** *L'homme et la terre*. Paris : Librairie universelle, 1908.

**Revista da Sociedad Brasileira de Geografia. 1885.** Rio de Janeiro : s.n., 1885.

**Roca, Zoran. 2007.** *The european landscapes ans lifestyles*. Lisboa : Edições Universitárias, 2007.

**Rocha, Carlos Frederico Duarte da , Esteves, Francisco de Assis e Scarano , Fábio. 2004.** *Pesquisas de longa duração na Restinga de Jurubatiba : ecologia, história natural e conservação.* São Paulo : RiMa Editora, 2004. 858655281X.

**Rodrigues, José Honório. 1978.** *Teoria da história do Brasil.* São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1978.

**Rougerie, Gabriel. 1971.** *Geografia das paisagens.* Lisboa : Difusão Européia do Livro, 1971.

**Rubenstein, James M. 2007.** *The Cultural Landscape: An Introduction to Human Geography.* New Jersey : Pearson Prentice Hall, 2007. ISBN:013243573X.

**Salgueiro, Teresa Barata. 2001.** Paisagem e Geografia. *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia.* 2001, Vol. XXXVI, 72.

**Santos, Milton. 1979.** *Espaço e sociedade: ensaios.* Petrópolis : Editora Vozes, 1979.

— . **1994.** *Por Uma Economia Política Da Cidade: o caso de São Paulo .* São Paulo : EDUC, 1994. ISBN:8527102617.

— . **2002.** *Por uma geografia nova : da crítica da geografia a uma geografia crítica.* São Paulo : Edusp, 2002. 853140715.

**Santos, Mílton, Souza, Maria Adélia Aparecida de e Silveira, Maria Laura. 1994.** *Território, Globalização e Fragmentação.* São Paulo : Editora Hucitec, 1994.

**Sauer, Carl Ortwin. 1925.** *The Morphology of Landscape.* Berkeley : University of California Publications in Geography , 1925.

**SBPC. 1949.** São Paulo : Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1949. Ciência e cultura.

**Schivartche, Fabio e Mota, Lourenço Dantas. 2005.** *Poluição urbana : as grandes cidades morrem : você pode salvá -las.* São Paulo : Mostarda Editora, 2005. 8587556444.

**Semple, Ellen Churchill. 1968.** *Influences of Geographic Environment, on the Basis of Ratzel's System of Anthro-Geography.* New York : Russell & Russell, 1968.

**Sene, José Eustáquio. 2004.** *Globalização e espaço geográfico.* São Paulo : Editora Contexto, 2004. ISBN:8572442375.

**Shama, Simon. 1996.** *Paisagem e memória.* São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

**Siegel, Linda. 1978.** *Caspar David Friedrich and the age of German Romanticism.* Boston : Branden Press, 1978. 0828316597.

**Sobrinho, Alves Motta. 1967.** *A civilização do café (1820-1920)*. São Paulo : Editora Brasiliense , 1967.

**Soffiati, Arthur. 2004.** *MANGUEZAIS E CONFLITOS SOCIAIS NO BRASIL COLÔNIA* . [Documento] Campinas : Anppas - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade , 2004.

**Sousa, Eudoro de. 1973.** *Dioniso em Creta e outros ensaios ; estudos de mitologia e filosofia da Grécia Antiga*. São Paulo : Livraria Duas Cidades, 1973.

**Souza, Antônio Carlos de, Fialho, Francisco Antonio Pereira e Otani, Nilo. 2007.** *TCC: Métodos e técnicas*. Florianópolis : Visual Booke Editora, 2007. 9788575022160.

**Spencer, Herbert. 2000.** *The Study of Sociology* . Boston : Adamant Media Corporation , 2000. 054391402X .

**Stein, S. J. 1961.** *Grandeza e Decadência no Café no Vale do Paraíba*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1961.

**Stein, Stanley. 1961.** *Grandeza e decadência do café , no vale do Paraíba , com referência especial ao município de Vassouras* . São Paulo : Editora Brasiliense, 1961.

**Torres, Gênesis Pereira. 2008.** *Saneamento da Baixada Fluminense*. [Documento] São João de Meriti : O Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense - IPAHB, 2008.

**Troll, Carl. 1968.** *Geo-ecology of the mountainous regions of the tropical Americas*. Bonn : Dümmler in Kommission, 1968.

— . **1966.** *Landscape ecology*. Delft, Netherlands : s.n., 1966.

**Tucker, Richard e Richards, John. 1983.** *Global Deforestation and the Nineteenth-century World Economy* . Durham : Duke University Press, 1983. ISBN:0822304821.

**Turner, Frederick. 1996.** *The Frontier in American History* . New York : Courier Dover Publications, 1996. ISBN:0486291677.

**Turner, Monica, Gardner, Robert e O'Neill, Robert. 2001.** *Landscape ecology in theory and practice - pattern and process*. New York : Springer, 2001. 0387951229.

**Ucko, Peter J e Layton, Robert. 1999.** *The archaeology and anthropology of landscape : shaping your landscape*. London : Routledge, 1999.

**Ujvari, Srefan Cunha. 2004.** *Meio ambiente & epidemias*. São Paulo : SENAC, 2004. 8573594055.

**Vieira, Percy Corrêa, Figueirôa, Silvia Fernanda de Mendonça e Bochicchio, Vincenzo Raffaele. 1985.** *Um século de pesquisa em geociências*. São Paulo : Instituto Geológico, 1985. 17807335.

**Vieira, Wilson. 2000.** *Apogeu e decadência da cafeicultura fluminense (1860 – 1930)*. Campinas : Instituto de Economia da Universidade de Campinas , 2000.

**Wanklyn, Harriet. 1961.** *Friedrich Ratzel : a biographical memoir and bibliography*. Cambridge : Cambridge University Press, 1961. 16672432.

**Weber, Max. 1979.** *Sociologia*. São Paulo : Editora Atlas, 1979.

**White, Richard. 1981.** *Inventing Australia : images and identity, 1688-1980*. Sydney : Allen & Unwin, 1981. 0868610275.

**Whitehead, Alfred North. 1964.** *The concept of nature*. Cambridge : Cambridge University Press, 1964.

**Whitrow, Gerald James. 2005.** *O que é tempo ? : uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2005.

**Worster, Donald. 1991.** *Cowboy ecology : a new look at an old West*. Lubbock : International Center for Arid and Semi-Arid Land Studies, Texas Tech University, 1991.

—. **1977.** *Nature's economy : a history of ecological ideas*. Cambridge : Cambridge University Press, 1977.

—. **1988.** *The Ends of the earth : perspectives on modern environmental history*. New York : Cambridge University Press, 1988.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)